

"O CORTIÇO"

DE ALUÍSIO DE AZEVEDO:

CONTEXTOS SOCIAIS,
CONFLITOS

Giovana Meireles
da Rosa Carlos


Atena
Editora
Ano 2024

"O CORTIÇO"

DE ALUÍSIO DE AZEVEDO:

CONTEXTOS SOCIAIS,
CONFLITOS

Giovana Meireles
da Rosa Carlos

Atena
Editora
Ano 2024

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2024 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2024 A autora

Copyright da edição © 2024 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pela autora.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo do texto e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva da autora, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos a autora, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Aline Alves Ribeiro – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora
Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade de Coimbra
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Caroline Mari de Oliveira Galina – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Eufemia Figueroa Corrales – Universidad de Oriente: Santiago de Cuba
Profª Drª Fernanda Pereira Martins – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Geuciane Felipe Guerim Fernandes – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Jodeylson Islony de Lima Sobrinho – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Kátia Farias Antero – Faculdade Maurício de Nassau
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Lisbeth Infante Ruiz – Universidad de Holguín
Profª Drª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Marcela Mary José da Silva – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande

- Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
- Profª Drª Mônica Aparecida Bortolotti – Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná
- Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
- Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
- Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
- Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
- Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
- Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro Oeste
- Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
- Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
- Profª Drª Vanesa Bárbara Fernández Bereau – Universidad de Cienfuegos
- Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
- Profª Drª Vanessa Freitag de Araújo – Universidade Estadual de Maringá
- Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Federal da Bahia
- Universidade de Coimbra
- Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
- Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

**“O Cortiço” de Aluísio de Azevedo:
contextos sociais, conflitos urbanos e realidades ficcionais**

Diagramação: Nataly Evilin Gayde
Correção: Jeniffer dos Santos
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: A autora
Autora: Giovana Meireles da Rosa Carlos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C284 Carlos, Giovana Meireles da Rosa
“O Cortiço” de Aluísio de Azevedo: contextos sociais, conflitos urbanos e realidades ficcionais / Giovana Meireles da Rosa Carlos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-2617-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.172240507>

1. Azevedo, Aluísio, 1857-1913. O cortiço. I. Carlos, Giovana Meireles da Rosa. II. Título.

CDD 869.3

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

DECLARAÇÃO DA AUTORA

A autora desta obra: 1. Atesta não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declara que participou ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certifica que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirma a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhece ter informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autoriza a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

Aos meus familiares e amigas/os, sempre presentes nas horas boas e naquelas de maior dificuldade. Sem o auxílio de vocês, este trabalho não seria viável. Portanto, meus agradecimentos a todas e todos que fizeram parte desta caminhada.

AUTORIA: Giovana Meireles da Rosa Carlos

No livro subsequente debate-se sobre os principais aspectos do imaginário social e da vida cultural na obra real-naturalista 'O Cortiço' de Aluísio de Azevedo, publicada em 1890. Nessa lógica, o conceito de cortiço, enquanto uma personagem-coletiva e homogeneizadora das identidades, consiste em nosso objeto de pesquisa. Buscamos compreender, porquanto a espacialidade da habitação coletiva e suas múltiplas dinâmicas por meio do estudo de suas personagens. Além destes fatores, exploramos as principais características e debates em torno deste local social. Nossa metodologia de pesquisa envolve a história das ideias vinculada à história social. Parte-se das reflexões de Dominick Lacapra para pensar as relações entre história e literatura por meio da obra literária, o autor afirma que “[...] a crucial problem for analysis at the intersection of history and literature is how a literary text comes to terms with the pressures of historical events and forces.” (LACAPRA, 2013, p. 29). Além disso, a categoria histórica de modernidade em Reinhart Koselleck auxilia-nos na reflexão sobre o Brasil entre passado, presente e futuro. Nessa perspectiva, pretende-se desvelar os conflitos sociais da cidade, representados pela escrita literária.

PALAVRAS-CHAVE: O Cortiço; Aluísio de Azevedo; Espacialidade; Rio de Janeiro

1. “[...] um problema crucial para análise na intersecção da história e da literatura é como um texto literário chega a um acordo com as pressões dos eventos e forças históricas. (Tradução própria, 2024)

AUTHOR: Giovana Meireles da Rosa Carlos

The subsequent book discusses the main aspects of the social imaginary and cultural life in the real-naturalist work 'O Cortiço' by Aluísio de Azevedo, published in 1890. In this logic, the concept of tenement, as a collective and homogenizing character of identities, is our research object. We seek to understand the spatiality of collective housing and its multiple dynamics through the study of its characters. In addition to these factors, we explore the main characteristics and debates surrounding this social place. Our research methodology involves the history of ideas linked to social history. Starting from Lacapra's reflections to think about the relationships between history and literature through the literary work, the author states that "[...] a crucial problem for analysis at the intersection of history and literature is how a literary text comes to terms with the pressures of historical events and forces." (LACAPRA, 2013, p. 29). Furthermore, the historical category of modernity in Reinhart Koselleck helps us reflect on Brazil between past, present and future. From this perspective, the aim is to reveal the city's social conflicts, represented by literary writing.

KEYWORDS: The Tenement; Aluísio de Azevedo; Spatiality; Rio de Janeiro

O Cortiço é uma obra literária bem conhecida do público e dos acadêmicos. É cobrada nos vestibulares brasileiros atualmente e também há um filme baseado no livro. A maior parte dos estudos sobre o romance concentram-se na área dos estudos literários. A proposta deste livre consiste em uma reflexão sobre a relação dialética entre o conhecimento histórico e a manifestação literária brasileira, especialmente, a partir da obra canonizada de Aluísio de Azevedo, O Cortiço, publicada em 1890 pela primeira vez. O objeto de pesquisa centra-se na habitação coletiva e suas múltiplas facetas. Nesse sentido, a principal questão a ser resolvida envolve a compreensão da temporalidade e da espacialidade inerente à vida social, representada pelo romance. Nosso objetivo, portanto, é mapear as trajetórias das personagens literárias e os conflitos estabelecidos entre elas, tendo por eixo de interpretação o espaço urbano do cortiço carioca.

A metodologia estrutura-se por meio de alguns eixos. A história social a partir de Chalhoub, que circunscreve a posição social das habitações coletivas e seus moradores na capital do país (Rio de Janeiro); a história das ideias por meio de uma intersecção entre Lacapra e Koselleck que permite à crítica da fonte, o repensar sobre o cânone e o impacto da materialidade do mundo na estrutura das obras; a história da literatura/crítica literária com ênfase no pensamento de Luís A. Fischer e Regina Dalacastagnè, preocupados com as respostas da literatura às pressões da história na atuação dos indivíduos. Nessa perspectiva, pode-se refletir sobre a estruturação da narrativa literária por intermédio da interpretação de suas personagens, considerando a tensão entre mundo social que permeia, pressiona os sujeitos históricos e uma literatura real-naturalista que excede, hiperboliza, caricatura, observa, critica, relacionando-se com a realidade cultural de onde emerge.

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1	2
CONTEXTOS, PERSONAGENS E AMBIENTES NO ROMANCE ‘O CORTIÇO’ (1890)	
CAPÍTULO 2	20
O CORTIÇO ENQUANTO UMA PERSONAGEM COLETIVA E UM LUGAR SOCIAL NA CAPITAL DO BRASIL	
CAPÍTULO 3	50
PERSONAGENS INDIVIDUAIS NO ROMANCE “O CORTIÇO”, RELAÇÕES, DISPUTAS E PODER	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
SOBRE A AUTORA	61

INTRODUÇÃO

‘O Cortiço’ é uma obra literária bem conhecida do público e dos acadêmicos. É cobrada nos vestibulares brasileiros, também há filmes, peças de teatro, baseadas no livro. A maior parte dos estudos sobre o romance concentram-se na área dos estudos literários. As abordagens vão desde o materialismo histórico de Antonio Candido até interpretações mais recentes, que aprofundam o debate sobre gênero, sexualidade e marginalização social.

A proposta desta dissertação consiste na reflexão sobre a relação dialética entre o conhecimento histórico e a manifestação literária brasileira, especialmente a partir da obra canonizada de Aluisio de Azevedo, ‘O Cortiço’, publicada em 1890 pela primeira vez. O objeto de pesquisa centra-se na habitação coletiva e suas múltiplas facetas. Nesse sentido, a principal questão a ser resolvida envolve a compreensão do tempo e do espaço da vida social representada pelo romance. Nosso objetivo, portanto, é mapear as trajetórias das personagens literárias e os conflitos estabelecidos entre elas, tendo por eixo de interpretação o espaço urbano do cortiço carioca. Aproximando-nos, porquanto, dos eixos política e sociedade indicados pela linha de pesquisa do PPGH, ‘Fronteira, Política e Sociedade.’

A metodologia estrutura-se através a partir da história das ideias vinculada à história social. Nesse sentido, a partir de Chalhoub se observa a posição ‘marginal’ das habitações coletivas e seus moradores na capital do país (RJ); a partir da história das ideias constrói-se uma intersecção entre o pensamento de Lacapra e Koselleck, levando à crítica da fonte, ao repensar sobre o cânone e o impacto da materialidade do mundo na estrutura das obras; a partir da história da literatura/crítica literária, com ênfase no pensamento de Luiz A. Fischer e Regina Dalacastagnè, refletimos sobre as respostas literárias às pressões da história na atuação dos indivíduos. Nessa perspectiva, pode-se refletir sobre a estruturação da narrativa literária por intermédio da interpretação de suas personagens, considerando a tensão entre mundo social que permeia, pressionando os sujeitos.

CONTEXTOS, PERSONAGENS E AMBIENTES NO ROMANCE 'O CORTIÇO' (1890)

O Cortiço, publicado em 1890 pelo maranhense Aluísio de Azevedo, compõe parte importante do naturalismo brasileiro, movimento literário que marcou o fim do século XIX. O romance narra o cotidiano de trabalhadoras empobrecidas, de capitalistas em ascensão, escravizadas(os), membros da burguesia carioca, dentre tantos outros grupos sociais. Há na narrativa inúmeras referências a hábitos alimentares, costumes populares, comportamentos, músicas e danças características do período, descrição dos ambientes de lazer e também de trabalho.

Nomes como os de Rita Baiana, João Romão, Bertoleza, Jerônimo, Miranda, Estela, Leônia e Pombinha são algumas das personagens mais lembradas pelo público-leitor do romance oitocentista. Figuras conhecidas por nossos contemporâneos, principalmente, devido à exigência da leitura do romance real-naturalista nos vestibulares brasileiros.

Também há algumas adaptações do romance para o cinema e teatro, para supormos o relativo impacto da obra em períodos posteriores à publicação original. Nessa perspectiva, 'O Cortiço' se fortalece enquanto obra múltipla ao representar os principais problemas sociais do Brasil. Talvez, clássicos da literatura sejam aqueles livros que continuam nos escrevendo, por mais que o tempo passe e as características sociais se transformem. Conforme Cândido aponta:

Aluísio quis reproduzir e interpretar a realidade que o cercava, e sob este aspecto elaborou um texto primeiro. Texto primeiro na medida em que filtra o meio: texto segundo na medida em que vê o meio com lentes tomadas de empréstimo. *O Cortiço* é um romance bem realizado [...] (CANDIDO, 1991, p. 112)

Se o autor pretende 'reproduzir' a realidade bem sabemos que não o fez completamente, posto que, todo autor filtra, interpreta, ressignifica e propõe ideias/conceitos ao escrever. A relação entre texto e contexto histórico não é de simples espelhamento do real no literário, a questão se complexifica conforme aprofundamos nossa leitura. Nessa lógica, um texto de jornal da época evidencia a 'intenção' de nosso autor:

As intenções literárias do nosso incansável romancista, concebendo obra de tamanho fôlego, é legar à geração que nos suceda uma cópia fiel dos fatos políticos e sociais, representados nos personagens que terão fatalmente de desaparecer com o reinado do Sr. D. Pedro II. Ela quer reunir em uma só obra todos os tipos brasileiros, bons e maus, do seu tempo e compendiar em forma de romance todos os fatos de nossa vida pública, que jamais serão apresentados pela História. (A Semana, 1885, p. 03)

Azevedo, certamente, não descreveu todos os fatos da vida pública no Brasil, mas nos legou um material interessante a ser analisado. Legou, porquanto, uma perspectiva ampla sobre o mundo em que viveu, sobre as experiências que teve, sobre os projetos que

iniciou, aqueles que abandonou. Através de sua literatura Aluísio expande o panorama da vida social brasileira, colocando problemas fundamentais para o debate público do período.

Nesse sentido, o autor ajuda a construir uma ideia geral sobre o que era e o que significava o cortiço fluminense, sobre quem morava naquele espaço, sobre que tipo de cultura ali se desenvolvia, sobre qual lugar social o cortiço ocupava. E, é este movimento de uso da literatura que pretendemos mapear durante este capítulo. Abaixo citamos um trecho do romance em que o narrador constrói seu conceito de cortiço, que se coloca como um contraste entre dois tipos diferentes de vida na cidade::

Afinal, no dia seguinte ao último em que Pombinha apareceu por lá com Leonie e deixou-lhe algum dinheiro, despejaram-lhe os terecos na rua. E a mísera, sem chorar, foi refugiar-se, junto com a filha, no Cabeça de Gato que, à proporção que o São Romão se engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando acanhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava, como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável, para sempre, o verdadeiro tipo da estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes; brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão. (AZEVEDO, 1890, p. 318)

O narrador parece exaltar o Cortiço São Romão, que se moderniza e, portanto, torna-se mais 'higiénico', enquanto diminui o cortiço vizinho. Para tanto, ele utiliza adjetivos e substantivos que denotam grande depreciação do espaço social empobrecido, corroborando com uma visão social pejorativa sobre os cortiços e seus moradores. Estamos diante de uma narração que condena a existência de tais locais, lançando ideias no círculo social de leitores.

Surge aqui um questionamento inspirado por Koselleck: De que modo o conceito de Cortiço-insalubre em Azevedo poderia ser usado politicamente por seus pares? Quais as consequências, os usos políticos e sociais daquilo que se escreve? Sabe-se, por exemplo, que Flaubert, consagrado autor de *Madame Bovary*, acabou nos tribunais judiciais franceses, tendo de defender sua polêmica personagem, conforme aponta Lacapra em 'Madame Bovary on Trial', um estudo sobre a recepção da obra. (LACAPRA, 1982)

Nessa tentativa de narrar com fidelidade a efervescência cultural que testemunhava na cidade do Rio, Aluísio gera um bom ponto de partida para o olhar de quem pesquisa as relações entre História e Literatura. Uma vez que, nenhuma autora/autor simplesmente descreve a realidade integralmente, embora seja inegável a recorrência desta na composição dos romances. Há algo além da suposta 'descrição' do mundo social pretendida pelos naturalistas. Este 'além' se refere aos usos políticos de textos literários, filosóficos, ao nos basearmos em uma abordagem koselleckiana.

Portanto, a literatura pode ser compreendida enquanto um trabalho sobre o idioma, um trabalho cognitivo, experimental, sensorial e imaginativo, impulsionado pela realidade

social de quem escreve mas não circunscrito a ela. Desse modo, o texto literário está inscrito na temporalidade e simultaneamente em combate com seu tempo, justamente por seu caráter polissêmico e multifatorial. Todo texto se constitui a partir da relação entre pensamento e linguagem, caracterizando-se enquanto um acontecimento na história da linguagem.

A sucessão de acontecimentos literários, uma vez filtrados e organizados por certos grupos, constitui a história literária de um país. O Cortiço, ao lado de O Mulato foram selecionados, compondo o cânone da literatura brasileira. Por esse motivo, devemos nos questionar sobre tais escolhas. Elas foram tomadas com quais objetivos? Com base em que tipo de avaliação literária? Aluísio e outros ainda possuem a capacidade de pensar o Brasil Contemporâneo? De que modo?

Lacapra, em seu livro 'Rethinking Intellectual History' coloca questões importantes sobre a formulação cultural do cânone literário, quer seja, reavalia os modos de se construir um 'panteão' de escritores/as, as decisões ali tomadas, os padrões estabelecidos, dentre outros fatores. O historiador também disserta sobre as diversas modalidades de relação do texto com o universo externo/interno à obra, como as especificidades da autoria, a construção do discurso, o *corpus* textual de um autor, a cultura próxima que impacta, o contexto histórico que limita ou expande, a recepção da obra e a ressonância na sociedade.

Entendendo-as, portanto, como relações-problemas diante da complexidade da constituição literária romanesca. Para o autor o texto literário é caracterizado por:

It may be seen as a situated use of language marked by a tense interaction between mutually implicated yet at times contestatory tendencies. On this view, the very opposition between what is inside and what is outside texts is rendered problematic, and nothing is seen as being purely and simply outside or inside texts. Indeed the problem becomes one of rethinking the concepts of inside and outside in relation to processes of interaction between language and the world. ¹(LACAPRA, 1983, p. 26)

É, justamente, esse processo-problema de interação entre linguagem literária e mundo social que nos interessa debater por meio deste capítulo. Tomamos por foco o cortiço enquanto personagem coletiva e enquanto espaço social. Duplo-cortiço, portanto. Olhar para o cortiço-personagem é refletir sobre a elaboração ficcional de um autor implicado em diálogo com as grandes teorias de seu tempo, como o positivismo, o darwinismo social e a eugenia. Olhar para o cortiço-espaço social é refletir sobre a sociedade oitocentista que o produziu, debateu sobre ele nos jornais, na literatura, nos inventários, nos botequins, nas praças, entre outros.

Esta sociedade também combateu os cortiços, classificando-os enquanto locais de proliferação de doenças e epidemias, de acordo com Chalhoub em Cidade Febre. Essa

1. Pode ser visto como um uso situado da linguagem, marcado por uma interação tensa entre tendências mutuamente implicadas, embora às vezes contestatórias. Nesta perspectiva, a própria oposição entre o que está dentro e o que está fora dos textos torna-se problemática, e nada é visto como estando pura e simplesmente fora ou dentro dos textos. Na verdade, o problema passa a ser repensar os conceitos de dentro e de fora em relação aos processos de interação entre a linguagem e o mundo. (Tradução própria, 2024)

forma de pensar sobre os cortiços era compartilhada pelas elites, pelas autoridades públicas, pelos sanitaristas e higienistas. (CHALHUOB, 1996). Podemos encontrar este debate nos jornais da época, conforme demonstra Servidoni em sua dissertação. Avançando um pouco no tempo; no Rio, percebe-se uma correlação entre a demolição dos cortiços nas regiões centrais e o surgimento das primeiras favelas na cidade, se pensarmos na longa duração braudeliana.

A obra de Azevedo consiste em uma representação literária sobre a vida urbana no Rio de Janeiro durante a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado/livre. Pode-se afirmar que a narrativa perpassa o período monárquico e também republicano, por seu caráter de dupla temporalidade, ou seja, o tempo histórico da narrativa (império) e o tempo em que Azevedo escreve o romance (começo da 1ª República brasileira).

Nessa perspectiva, a interpretação da obra passa por estas duas instâncias temporais e pela conexão entre elas. Desse modo, a desintegração do sistema escravista ocupa um dos eixos do romance por meio das personagens de Romão-Bertoleza. Também há outras passagens que lançam o problema da escravidão, de modo crítico. No romance não se pode pensar em escravismo sem considerar o impacto do lugar social do cortiço e arredores, que constituem um microcosmo econômico em torno do português Romão.

Parece-nos, porquanto, que o autor compreendeu em seu tempo aquilo que o crítico literário Roberto Schwarcz viria, posteriormente, a caracterizar como o paradoxo brasileiro, constituído pela colisão entre as ideias liberais de “liberdade” e a realidade de um país alicerçado na prática da escravização. (FISCHER, 2021). O trecho narra o processo de exploração de Romão, o dono do cortiço, sob a escravizada Bertoleza:

Daí em diante, João Romão tornou-se o caixa, o procurador e o conselheiro da crioula. No fim de pouco tempo era ele quem tomava conta de tudo que ela produzia, e era também quem punha e dispunha dos seus pecúlios, e quem se encarregava de remeter ao senhor os vinte mil-réis mensais. Abriu-lhe logo uma conta-corrente, e a quitandeira, quando precisava de dinheiro para qualquer coisa, dava um pulo até à venda e recebia-o das mãos do vendeiro, de “seu João”, como ela dizia. Seu João debitava metodicamente essas pequenas quantias num caderninho, em cuja capa de papel pardo lia-se, mal-escrito e em letras cortadas de jornal: “Ativo e passivo de Bertoleza”. E por tal forma foi o taverneiro ganhando confiança no espírito da mulher, que esta afinal nada mais resolvia só por si, e aceitava dele, cegamente, todo e qualquer arbítrio. Por último, se alguém precisava tratar com ela qualquer negócio, nem mais se dava ao trabalho de procurá-la, ia logo direito a João Romão. Quando deram fé estavam amigos. Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior a sua. (AZEVEDO, 1890, p. 09)

O narrador parece construir ao longo do romance uma ideia de Bertoleza enquanto a grande injustiçada. Nesse aspecto, Azevedo alinha-se a um grupo de intelectuais brancos que formularam algum tipo de crítica relevante à escravidão com sua literatura. Contudo, a

possível crítica ao escravismo é contrastada pela ideia de evolucionismo social presente neste trecho, ao utilizar termos como ‘raça superior a sua’ para se referir a Bertoleza,

Azevedo corrobora com o processo de racialização na sociedade brasileira, que inferioriza as escravizadas/os. Na construção narrativa deste trecho nota-se como o autor centraliza o poder nas mãos do português imigrante, formulando um cenário social em que todas as personagens dependem economicamente dele, de algum modo.

Além de Aluísio, ao final do século XIX pode-se refletir sobre seus contemporâneos e a rede da intelectualidade literária/jornalística estabelecida no Rio. Por exemplo, o que autoras como Júlia Lopes de Almeida - naturalista, assim como Azevedo, Pompéia e Caminha, mas esquecida por longa data - podem falar sobre seu próprio tempo(?). Azevedo, com sua atuação política, artística e literária, sintetiza a sua ideia de Brasil no cortiço? Ou, lança mais uma peça no extenso tabuleiro da nacionalidade, ao considerarmos seu projeto de escrever sobre a formação do país e seu passado.

Jean-Yves, um dos biógrafos de Aluísio, menciona que o escritor “[...] dá uma visão sociológica da vida do cortiço que tem um valor documental. Ele aborda o problema das relações econômicas, sociais, raciais, entre, por um lado, os operários e por outro a burguesia.” (MERIAN, 2013, p. 506). Nessa perspectiva, Yves afirma que Azevedo teve por objetivo “[...] fazer um corte transversal no proletariado brasileiro e estudar os mecanismos de sua própria vida e de suas relações com as outras camadas da sociedade.” (MÉRIAN, 2013, p. 510).

Avançando na reflexão, a obra literária azevediana revela outras camadas do tecido social e do imaginário coletivo. As pesquisas mais recentes sugerem novos olhares para o real-naturalismo brasileiro. A geração de Candido e Mérian (dos anos 1970, 1980), suficientemente lida e debatida, propicia abordagens mais conectadas com os problemas sociais e urbanos do Brasil.

Os dois autores mencionam as disputas entre segmentos sociais e como este fator molda as experiências em literatura. Nessa lógica, a partir deste ponto pode-se aprofundar o debate sobre as relações de poder no espaço urbano. Tentaremos, porquanto, dialogar com as interpretações clássicas e, simultaneamente, alcançar debates mais recentes, como aquele proposto pelos pesquisadores Regina Dalcastagnè e Edu Otsuka.

O autor, em diversas ocasiões, entra em consonância com a racialização da sociedade efetuada pelas elites urbanas cariocas. No trecho a seguir o escritor vincula a concepção de ‘homem de raça superior’ referindo-se ao desejo da personagem Bertoleza de unir-se ao homem branco:

Ele propôs-lhe morarem juntos e ela concordou de braços abertos, feliz em meter-se de novo com um português, porque, como toda a cafuza¹¹, Bertoleza não queria sujeitar-se a negros e procurava instintivamente o homem numa raça superior à sua. (AZEVEDO, 1890, p. 10)

Nessa lógica, o romance naturalista pode ser inserido, também, na história do pensamento racista brasileiro, em razão de passagens como a anterior e outras, que veremos posteriormente. A literatura, analisada por este prisma, reforça a formulação dos estereótipos raciais, retificando a marginalização de determinados grupos sociais. Dalcastagnè argumenta que:

O Cortiço foi pensado como parte de um ciclo romanesco intitulado 'brasileiros antigos e modernos', que pretendia as transformações do país no período entre o império e o advento da república, mas a ideia nunca foi adiante, uma vez que o autor abandonou a literatura quando se tornou diplomata, em 1895. Esse projeto nos permite ler os deslocamentos de suas personagens como metáfora de algo que vai além delas. Da reconfiguração do espaço urbano – e da segregação imposta aos mais pobres – à formação de uma elite econômica que se exhibe em sua perversidade, temos nesse romance uma outra tese, sobre a organização da sociedade brasileira: fundada na exploração, na exclusão (inclusive física) e na farsa discursiva sobre sua própria constituição. (DALCASTAGNÈ, 2021, p. 102)

Sendo assim, o panorama geral sobre diferentes esferas da sociedade fluminense marca o tom do enredo azevediano. Sobre as problemáticas enfrentadas diariamente por trabalhadores/as, há uma passagem interessante. Edu Otsuka, em um artigo sobre a relação entre povo e polícia debate a questão da violência urbana contra os segmentos populares, problema de longa data na cidade do Rio. Em dado momento do romance a polícia invade o cortiço, Azevedo escreve sobre a reação dos moradores:

De cada casulo espipavam homens armados de pau, achas de lenha, varais de ferro. Um empenho coletivo os agitava agora, a todos, numa solidariedade briosa, como se fossem desonrados para sempre se a polícia entrasse ali pela primeira vez. Enquanto se tratava de uma simples luta entre dois rivais, estava direito! "Jogassem lá as cristas, que o mais homem ficaria com a mulher!" mas agora tratava-se de defender a estalagem, a comuna, onde cada um tinha a zelar por alguém ou alguma coisa querida. – Não entra! Não entra! E berros atroadores respondiam às pranchadas, que lá fora se repetiam ferozes. A polícia era o grande terror daquela gente, porque, sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estrupício, à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho. E, enquanto os homens guardavam a entrada do capinzal e sustentavam de costas o portão da frente, as mulheres, em desordem, rolavam as tinas, arrancavam jiraus, arrastavam carroças, restos de colchões e sacos de cal, formando às pressas uma barricada. As pranchadas multiplicavam-se. O portão rangia, estalava, começava a abrir-se; ia ceder. Mas a barricada estava feita e todos entrincheirados atrás dela. Os que entraram de fora por curiosidade não puderam sair e viam-se metidos no surumbamba. As cercas das hortas voaram [...] (AZEVEDO, 1890, p. 172)

A cena descrita acima envolve uma série de questões sociais, dentre elas a violência com que os setores empobrecidos eram tratados no Brasil. A desigualdade social, a falta de planejamento urbano e o racismo estrutural são problemas que assolam o passado e assombram o presente da nação.

O jogo e a bebedeira também são associados pelo narrador aos hábitos populares e, portanto, nocivos à ordem, ao trabalho e à disciplina necessária ao sistema de trabalho. Essa truculência aplicada pela polícia no cortiço, dificilmente seria utilizada nos grandes sobrados da época, lares das famílias mais abastadas.

No romance percebe-se o contraste entre o cortiço fluminense e sobrado de Miranda (português, casado com Estela). As moradias ficam lado a lado na figuração do romance, ocasionando disputas entre as personagens de Miranda e João Romão. Nessa lógica, apesar de descrever os segmentos populares com determinada ‘desaprovação’, o autor implicado não deixa de criticar os grupos mais enriquecidos da sociedade.

Azevedo não poupa nenhum grupo social de sua ‘análise’, passando os mais diversos tipos sociais por seu crivo narrativo, todos recebendo um parecer negativo. Romão é construído em oposição a Miranda, no sentido econômico. Romão é a representação do *self-made-man brasileiro*, enquanto o outro está atrelado à antiga aristocracia portuguesa, nobiliária, bem estabelecida, bem relacionada. Entretanto, o vendeiro português tenta atingir padrões de consumo similares aos de Miranda e sua família.

No caso do cortiço, temos a representação da arcaica cidade imperial, caótica, desorganizada, com características coloniais, na visão do narrador. O problema se resolve quando o cortiço passa por reforma e, conseqüente, ampliação dos cômodos, ampliação da avenida, ampliação do bairro de Botafogo. Por outro lado, o sobrado do português Miranda representaria a ordem, a beleza e a higiene.

No entanto, a contradição reside na condenação moral de praticamente todas as personagens. No cortiço existe a ideia de que a pobreza gera mais pobreza, de que a prostituição ocasiona mais prostituição, de que a devassidão aumenta o vício e assim sucessivamente. Já no sobrado aponta-se para a desqualificação da perspectiva ‘moral’, uma vez que, há traições, casamento por aparências e corrupção.

Os textos literários podem ser interpretados de distintas formas, há vastas e complexas teorias tanto na historiografia literária, quanto nos estudos literários e de narrativa. Esta abordagem tem por objetivo descrever como os diferentes grupos sociais dão sentido ao conceito de *cortiço*. Nessa lógica, o sentido de um conceito é moldado a partir – e por meio - das experiências e perspectivas de mundo dos sujeitos.

Dessarte, utiliza-se a história dos conceitos koselleckiana como ponto de partida para compreendermos a sociedade carioca oitocentista, sua relação dialógica com a literatura real-naturalista e o potencial da narrativa literária de interferir no mundo social. Além disso, há a premissa de confrontar alterações e similaridades no tempo histórico por meio de uma história social e das ideias que reflete sobre a literatura através dos conceitos nela expressos, uma vez que, conceitos podem ser utilizados de modo mais generalista, para construir modelos e elaborar parâmetros de comparação.

Nesse sentido, como fonte histórica da dissertação utilizaremos o romance de tese/*costumes*² de Azevedo, ‘O Cortiço’. Celebrado à época da publicação, muito debatido até

2. Nos romances de tese naturalistas formulavam-se hipóteses sobre a sociedade e os grupos sociais, seguindo os

os nossos dias, o livro do maranhense Azevedo fala sobre o seu tempo ao interpretar os principais atores sociais do período, seus conflitos e interesses. Encantando leitores ou despertando boas críticas, suscitando debates sobre a formação social do país ou representando o imaginário das elites, o cortiço tornou-se um romance central para se pensar os problemas urbanos brasileiros. Ademais, trata-se de uma obra relativamente conhecida pelo público leitor, ao contar com adaptações para o cinema e teatro.

Nosso objeto de pesquisa consiste na construção literária do conceito de *cortiço carioca* e as relações de poder estabelecidas nesse espaço urbano em constante transformação. O texto literário é, em nossa abordagem, o principal condutor das tensões sociais de seu tempo, uma vez que, nele residem as contradições e o contrastes inerentes à capital do império brasileiro. Interessa-nos, portanto, a reflexão sobre o conceito de cortiço enquanto uma personagem basilar do romance azevediano, que influencia a atuação de praticamente todas as demais personagens.

Na lógica da ficção - Pombinha, Romão, Bertoleza, Jerônimo, Piedade - todos sofrem, de distintas maneiras, os impactos de se viver na habitação coletiva, tendo seus hábitos modificados ou adquirindo novos, participando das dinâmicas coletivas ou excluindo-se delas, entrando em conflito com outros moradores ou formando alianças. Cada personagem interage com o cortiço personagem-coletiva de um modo particular, é o que exploraremos em outra sessão.

O determinismo geográfico latente à narrativa de Aluísio de Azevedo ganha força, principalmente quando pensamos no caso do português Jerônimo. Quando Jerônimo e sua família chegam ao cortiço de Romão, ele abandona sua esposa portuguesa para ficar com Rita Baiana, uma brasileira 'sensual', 'sedutora' e 'festeira'. Rita, por sua vez, representa o país e seus mistérios, seduz o estrangeiro e leva-o ao delírio, ao abandono da família e à falência financeira.

Desse modo, nosso procedimento metodológico de análise da fonte envolve "[...] compreender os conflitos sociais e políticos do passado por meio das delimitações conceituais e da interpretação dos usos da linguagem feitos pelos contemporâneos de então." (KOSELLECK, 2006, p. 103). Ao escrever o romance o autor implicado seleciona uma série de conceitos, interpreta os acontecimentos próximos e distantes por meio de uma rede conceitual, além de atribuir significado e sentido aos elementos da cultura em que está inserido.

Koselleck dá bases para nossa metodologia por sua delimitação da história dos conceitos enquanto "[...] um método especializado de crítica de fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de conteúdo social." (KOSELLECK, 2006,

preceitos do naturalismo francês, inspirado por Zola e outros. Os romances de costumes retratam a vida dos diversos segmentos sociais, tendo mais ênfase na vida privada, na intimidade e no cotidiano das personagens. Diversos autores/as caracterizam a obra azevediana enquanto romance de tese e também de costumes. Para mais informações sobre o movimento naturalista brasileiro, ver Flora Sussêkind, *Tal Brasil, Qual Romance* (1984), na obra a autora explora as distintas fases do movimento literário no país, suas principais características, desafios, referências.

p. 103). Sendo assim, o conceito de cortiço ganha relevância no tecido urbano do Rio de Janeiro, a cidade cresce e os problemas também.

Pelas ruas da cidade, pelos cafés sofisticados ou mais modestos, nas praças públicas do Rio, nos bondes muito se fala sobre as 'polêmicas casinhas'. Amanda Servidoni, em sua dissertação, dedicou-se ao estudo da representação dos cortiços nos jornais e na literatura, referindo-se constantemente a uma tensão social.

Nessa perspectiva, esta tensão se referia aos embates crescentes entre as elites econômicas do setor imobiliário e os segmentos populares, de trabalhadores assalariados, ex-escravizados/as, migrantes e imigrantes empobrecidos. A autora argumenta que, sobre o enredo do cortiço azevediano:

[...] trabalhadores livres foram transportados para a narrativa como representantes das camadas mais pobres da população; aqueles que se aglomeravam nos cortiços e viviam em uma situação precária, devido à baixa condição financeira. Paralelo a isso, a burguesia mercantil foi retratada por meio da figura do português inescrupuloso e ganancioso que, para alcançar seus anseios, aproveitava-se da vulnerabilidade daqueles que o rodeavam ou suportava um casamento calcado em aparências. Simbolizando a vida de muitos comerciantes portugueses que vinham para o Brasil e conseguiam fazer fortuna, a ascensão de Miranda e principalmente de João Romão retratadas no Cortiço revelavam os mecanismos sociais e econômicos determinantes para que estes personagens conquistassem uma posição de prestígio dificilmente alcançada por aqueles que compunham as camadas menos abastadas da população. (SERVIDONI, 2016, p. 47)

A representação das personagens portuguesas – Miranda, João Romão e Jerônimo - revela uma das tensões sociais que mencionamos anteriormente, uma vez que, os brasileiros disputavam posições, cargos e influência com os lusitanos em terras tropicais. Parcela significativa da burocracia do estado imperial, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, era composta por portugueses, além do domínio destes no comércio e varejo. Estes fatores geravam um determinado ressentimento nos moradores locais, conforme aponta a lógica da narrativa de Aluísio.

Nessa perspectiva, Koselleck sugere o método de compreender os conflitos sociais do passado por meio da interpretação do uso da linguagem ou, mais especificamente, dos usos possíveis das narrativas literárias enquanto formuladoras de sentido e construtoras de significados socialmente transmissíveis. No caso do romance, o autor implicado constrói uma imagem dos 'tipos' de portugueses, tecendo o imaginário social sobre este grupo social mais amplo.

Nesse caso, Azevedo formula uma narrativa que desqualifica as personagens de origem lusitana, tanto por suas ações, quanto por seus pensamentos e opiniões. No entanto, as personagens brasileiras não saem ilesas do crivo narrativo, também há críticas ao comportamento e aos costumes destes últimos.

As conexões entre as personagens Jerônimo-Rita-Piedade é um dos grandes temas do romance. Neste caso, tem-se a crítica ao ambiente do cortiço, que teria levado Jerônimo

ao fracasso. O português, antes de chegar à habitação coletiva, era o trabalhador ideal. Quando se muda para o cortiço abandona sua família para ficar com Rita Baiana, deixa o trabalho de lado. No trecho subsequente se percebe o tom narrativo lamentoso diante da situação das personagens:

Jerônimo apareceu afinal, com um ar triste de vicioso envergonhado que não tem ânimo de deixar o vício. A mulher, ao vê-lo, perdeu logo toda a energia com que chegara e comoveu-se tanto, que as lágrimas lhe saltaram dos olhos às primeiras palavras que lhe dirigiu. E ele abaixou os seus e fez-se lívido defronte daquela figura avelhantada, de peles vazias, de cabelos sujos e encanecidos⁴⁸⁸. Não lhe parecia a mesma! Como estava mudada! E tratou-a com brandura, quase a pedir-lhe perdão, a voz muito espremida no aperto da garganta. – Minha pobre velha... balbuciou, pousando-lhe a mão larga na cabeça. E os dois emudeceram um defronte do outro, arquejantes. Piedade sentiu ânsias de atirar-se-lhe nos braços, possuída de imprevista ternura com aquele simples afago do seu homem. Um súbito raio de esperança iluminou-a toda por dentro, dissolvendo de relance os negrimes acumulados ultimamente no seu coração.(AZEVEDO, 1890, p. 280-282)

Por meio da história de Jerônimo e sua família o autor ‘demonstra’ a força com que o ambiente molda o sujeito, transformando a forma de pensar, além dos costumes e hábitos dos novos moradores. Há outros exemplos ao longo do romance, de personagens que também foram ‘influenciadas’ pelo cortiço, pelo modo de vida dos moradores, entre outros elementos.

Neste sentido, o determinismo geográfico que caracteriza alguns trechos do romance, ganha força. Portanto, ao realizar um ‘levantamento’ sobre os tipos sociais brasileiros e estrangeiros Aluísio de Azevedo debate a política, a cultura, a economia e a sociedade, dentro dos parâmetros singulares da produção literária. Desse modo, Koselleck nos indica um roteiro interpretativo, uma vez que, reflete sobre as disputas sociais e a construção da linguagem. Conforme indica o historiador:

Os momentos de duração, alteração e futuridade contidos em uma situação política concreta são apreendidos por sua realização no nível linguístico. Com isso, ainda falando de modo geral, as situações sociais e respectivas alterações já são problematizadas no próprio instante dessa realização linguística. (KOSELLECK, 2006, p. 101)

Dessa forma, o autor aborda a linguagem como um índice referente às mudanças sociais, propondo a compreensão das transformações históricas através da genealogia dos conceitos. Tendo em vista as considerações de Koselleck percebemos que “O Cortiço” se caracteriza por ser um texto que parte de um determinado passado (monárquico), radicado nas experiências prévias, ou, em termos mais específicos, no espaço de experiência koselleckiano.

Prosseguindo na narrativa literária, o autor implicado sugere um certo futuro – de ordenamento republicano - caracterizado pelo positivismo de inspiração comteana, enquanto acompanha os diferentes ritmos da modernização/higienização na cidade do Rio de Janeiro. Desse modo, o conceito de cortiço pode ser interpretado sob o viés de que:

Todo conceito se prende a uma palavra, mas nem toda palavra é um conceito social e político. Conceitos sociais e políticos contêm uma exigência concreta de generalização, ao mesmo tempo em que são sempre polissemicos. [...] Assim, uma identidade de grupo pode ser articulada ou produzida, do ponto de vista exclusivamente linguístico, por meio do uso enfático da palavra 'nós'. (KOSELLECK, 2006, p. 108)

Conforme o parágrafo acima referenda, o 'nós' evocado por Aluísio de Azevedo em sua narrativa consiste nas identidades republicanas e antiescravidistas, além das fortes características de antilusitanismo. O autor, que estava inserido nos jogos políticos de seu tempo, articula identidades múltiplas e conceitos amplos com seu romance. Interpretando-os a partir do referencial de temporalidade que experimentou, bem como os ideais que norteavam seus posicionamentos em sociedade.

Sendo assim, o conceito de cortiço é acompanhado por diversos outros, que reforçam, transformam e complexificam seus sentidos e significados. Modernização, higiene, saúde pública, ordem, cidade, desordem, todas estas categorias compõem a rede conceitual em torno do *cortiço*. Pretende-se, portanto, interpretar o romance azevediano por intermédio das interrelações entre tais categorias/conceitos sociais e históricos, a construção das personagens e o desenvolvimento do enredo.

Conforme aponta Koselleck um conceito não é apenas “[...] o indicador dos conteúdos compreendidos por ele, é também seu fator. Um conceito abre determinados horizontes, ao mesmo tempo em que atua como limitador das experiências.” (KOSELLECK, 2006, p. 109). Desse modo, investigaremos a constituição linguística das experiências temporais manifestas no romance naturalista, atentos à relação de reciprocidade entre passado-futuro. Vejamos um exemplo desse processo abaixo.

Uma das transformações mais relevantes da obra envolve a primeira e a segunda fase do cortiço de Romão. Na primeira fase, o *cortiço carapicus* é mais simples, nada higiênico, composto por populações empobrecidas, com cômodos pequenos, móveis improvisados. No trecho subsequente temos a descrição da rivalidade entre dois cortiços próximos, a partir desse embate social se nota a construção dos sentidos da palavra *cortiço*:

Agora, na mesma rua, germinava outro cortiço ali perto, o “Cabeça de Gato416”. Figurava como seu dono um português que também tinha venda, mas o legítimo proprietário era um abastado conselheiro, homem de gravata lavada, a quem não convinha, por decoro social, aparecer em semelhante gênero de especulações. E João Romão, estalando de raiva, viu que aquela nova república da miséria prometia ir adiante e ameaçava fazer-lhe à sua perigosa concorrência. Pôs-se logo em campo, disposto à luta, e começou a perseguir o rival por todos os modos, peitando os fiscais e guardas municipais, para que o não deixassem respirar um instante com multas e exigências vexatórias; enquanto pela sorrelfa plantava no espírito dos seus inquilinos um verdadeiro ódio de partido, que os incompatibilizava com a gente do Cabeça de Gato.. (AZEVEDO, 1890, p. 203-204)

Neste trecho constata-se os conflitos na região de Botafogo, localidade em que o cortiço ficcional é construído. Nessa lógica, as rivalidades surgiam na cidade em ebulição.

E, não se restringiam ao clássico confronto entre elites e setores populares, uma vez que, as disputas por poder também se desenvolviam entre segmentos empobrecidos, conforme a citação acima referenda. Nessa perspectiva, o narrador nos situa no panorama da capital do país, com sua complexidade, cultura, confronto.

Por outro lado, na segunda fase da habitação coletiva, tem-se mudanças substanciais na estrutura, reformas urbanas são iniciadas, há a ampliação dos cômodos, construção de avenidas. Desse modo, novos moradores chegam, membros dos segmentos médios da sociedade, trabalhadores especializados, artistas, funcionários públicos. Nesse sentido, a posição do narrador, possivelmente, inclina-se favoravelmente à segunda opção, inserindo-a em sua visão da cidade ideal, republicana, organizada, moderna.

Desse modo, o conceito de cortiço surge na obra em oposição ao sobrado do português Miranda. Por um lado, há a representação do caos, da sujeira e da desordem, de outro a representação da modernidade, do poder. Na sequência temos uma descrição do sobrado e das atividades que ali eram desenvolvidas:

Do cortiço, onde esta novidade causou sensação, viam-se nas janelas do sobrado, abertas de par em par, surgir de vez em quando Leonor ou Isaura, a sacudirem tapetes e capachos, batendo-lhes em cima com um pau, os olhos fechados, a cabeça torcida para dentro por causa da poeira que a cada pancada se levantava, como fumaça de um tiro de peça. Chamaram-se novos criados para aqueles dias. No salão da frente, pretos lavavam o soalho, e na cozinha havia rebuliço. Dona Estela, de penteador de cambraia enfeitado de laços cor-de-rosa, era lobrigada de relance, ora de um lado, ora de outro, a dar as suas ordens, abanando-se com um grande leque; ou aparecia no patamar da escada do fundo, preocupada em soerguer as saias contra as águas sujas da lavagem, que escorriam para o quintal. Zulmira também ia e vinha, com a sua palidez fria e úmida de menina sem sangue. Henrique, de paletó branco, ajudava o Botelho nos arranjos da casa e, de instante a instante, chegava à janela, para namoriscar Pombinha, que fingia não dar por isso, toda embebida na sua costura, à porta do número 15, numa cadeira de vime, uma perna dobrada sobre a outra, mostrando a meia de seda azul e um sapatinho preto de entrada baixa; só de longo em longo espaço, ela desviava os olhos do serviço e erguia-os para o sobrado. Entretanto, a figura gorda e encanecida do novo Barão, sobrecasacado, com o chapéu alto derreado para trás na cabeça e sem largar o guarda-chuva, entrava da rua e atravessava a sala de jantar, seguia até à despensa, diligente e esbaforido, indagando se já tinha vindo isto e mais aquilo, provando dos vinhos que chegavam em garrafões, examinando tudo, voltando-se para a direita e para a esquerda, dando ordens, ralhando, exigindo atividade, e depois tornava a sair, sempre apressado, e metia-se no carro que o esperava à porta da rua. – Toca! toca! Vamos ver se o fogueteiro aprontou os fogos! E viam-se chegar, quase sem intermitência, homens carregados de gigos306 de champanha, caixas de Porto e Bordéus, barricas de cerveja, cestos e cestos de mantimentos, latas e latas de conserva; e outros traziam perus e leitões, canastras d'ovos, quartos de carneiro e de porco. E as janelas do sobrado iam-se enchendo de compoteiras de doce ainda quente, saído do fogo, e travessões, de barro e de ferro, com grandes peças de carne em vinha d'alhos, prontos para entrar no forno. À porta da cozinha penduraram pelo pescoço um cabrito esfolado, que tinha as pernas abertas, lembrando sinistramente uma criança a quem enforcassem depois de tirar-lhe a pele. (AZEVEDO, 1890, p. 150-151)

Além desta, há diversas passagens do romance em que os hábitos alimentares são expostos pelo narrador, estes hábitos, por sua vez, envolvem também à prestação de serviços, que poderia dispor de trabalhadores assalariados ou escravizados. Por intermédio desta passagem captamos o ritmo do lar de elite, com uma rotina que envolve ‘criados’, além daqueles ‘hóspedes’, como Botelho e Henrique, representantes da lógica do favor na sociedade carioca. Henrique é um jovem interiorano de origens ricas, que vem para o Rio estudar medicina. Já Botelho é um senhor de idade, saudosista em relação ao militarismo. Na sequência, vejamos uma descrição da personagem de Botelho, que vive junto à família de Miranda, representando a antiga ordem do país:

Era um pobre-diabo caminhando para os setenta anos; antipático, cabelo branco, curto e duro como escova, barba e bigode do mesmo teor; muito macilento, com uns óculos redondos que lhe aumentavam o tamanho da pupila e davam-lhe à cara uma expressão de abutre, perfeitamente de acordo com o seu nariz adunco e com a sua boca sem lábios; viam-se-lhe ainda todos os dentes, mas, tão gastos, que pareciam limados até ao meio. Andava sempre de preto, com um guarda-chuva debaixo do braço e um chapéu de Braga enterrado nas orelhas. Fora em seu tempo empregado do comércio, depois corretor de escravos; contava mesmo que estivera mais de uma vez na África, negociando negros por sua conta. Atirou-se muito às especulações; durante a guerra do Paraguai ainda ganhara forte, chegando a ser bem rico; mas a roda desandou e, de malogro em malogro, foi-lhe escapando tudo por entre as suas garras de ave de rapina. E agora, coitado, já velho, comido de desilusões, cheio de hemorroidas, via-se totalmente sem recursos e vegetava à sombra do Miranda, com quem por muitos anos trabalhou em rapaz, sob as ordens do mesmo patrão, e de quem se conservara amigo, a princípio por acaso e mais tarde por necessidade. Devorava-o, noite e dia, uma implacável amargura, uma surda tristeza de vencido, um desespero impotente, contra tudo e contra todos, por não lhe ter sido possível empolgar o mundo com as suas mãos hoje inúteis e trêmulas. (AZEVEDO, 1890, p. 35-37).

Nesse contexto, Azevedo, nosso autor implicado, acessava locais frequentados pela burguesia, pelos literatos, pelos artistas reconhecidos, ainda que sua posição social oscilasse em alguns momentos. Sua forma de narrar o cotidiano do sobrado de Miranda, no entanto, não está ausente de críticas, uma vez que, o comportamento das personagens – na lógica da narrativa literária - não parece ser ‘exemplar’.

No trecho subsequente temos a intriga centrada em três personagens, Botelho, Estela e Henrique (estudante), tendo por eixo a traição de Estela. Novamente, o autor implicado formula o imaginário social sobre o cotidiano da casa de elite carioca:

Uma das birras mais cômicas do Botelho era o seu ódio pelo Valentim. O moleque causava-lhe febre com as suas petulâncias de mimalho, e, velhaco, percebendo quanto elas o irritavam, ainda mais abusava, seguro na proteção de Dona Estela. O parasita de muito que o teria estrangulado, se não fora a necessidade de agradar à dona da casa. Botelho conhecia as faltas de Estela como as palmas da própria mão. O Miranda mesmo, que o via em conta de amigo fiel, muitas e muitas vezes lhas confiara em ocasiões desesperadas de desabafo, declarando francamente o quanto no íntimo a desprezava e a razão

por que não a punha na rua aos pontapés. E o Botelho dava-lhe toda a razão; entendia também que os sérios interesses comerciais estavam acima de tudo. (AZEVEDO, 1890, p. 37-41)

Dessarte, por mais que seja belo, organizado, limpo, naquele local impera a imoralidade da personagem Estela, o jogo das aparências em troca de benefícios econômicos experimentado por Miranda, as traições matrimoniais e os escândalos abafados em nome do *status quo*. O português detesta sua esposa, entretanto, não a deixa em razão do dote, dos privilégios econômicos por estar ao lado dela.

Nosso narrador, aparentemente, retira a máscara do lar aristocrático, descrevendo práticas ‘condenáveis’, aos olhares de parcelas significativas da população brasileira. Nesse sentido, no *Cortiço* a temática do adultério é predominante, tanto nas elites, quanto nos segmentos populares, com pouca distinção numérica entre homens e mulheres. A maior ênfase, no entanto, está no caso de Estela, esposa do português Miranda.

Além disso, pensa-se sobre a dinâmica sociocultural atrelada às personagens por intermédio da ideia proposta por Reinhart Koselleck em *Futuro Passado*. Desse modo, o autor alemão propõe uma investigação detalhada a respeito do enfrentamento humano diante das possibilidades, desafios e limitações do tempo em que vive. Nessa lógica, Alúcio pertenceu a uma geração de republicanos em que os privilégios políticos - ainda por serem conquistados - foram formulados, primeiramente, na linguagem. Justamente, para que pudessem ser conquistados, para que fosse possível denominá-los. (KOSELLECK, 2006, p. 102).

Koselleck nomeia este fenômeno de “exigência de realização futura dos enunciados políticos”. (KOSELLECK, 2006, p. 102). No caso de Alúcio, a luta pela derrocada do sistema monárquico e, posteriormente, o advento da república brasileira consiste em seu principal horizonte de expectativa. Por outro lado, o espaço de experiência koselleckiano corresponde ao levantamento elaborado pelo autor sobre o legado imperial, a experiências da monarquia nos trópicos e as consequências das decisões políticas das lideranças. Azevedo realiza uma ‘inspeção social’³, que considera as três esferas temporais, passado-presente-futuro, colocando-as em relação dialógica.

Nesse sentido, percebemos que Azevedo reflete constantemente sobre ideais de moralidade, higiene e ordem, em consonância com o argumento de Ruth Gauer à respeito do Ocidente. Desse modo, no jornal ‘O Diário do Comércio’ de maio de 1889 há a seguinte notícia, que se aproxima do imaginário social presente na narrativa de *O Cortiço*:

As classes pobres são pessimamente servidas de casas confortáveis e baratas; os mais infectos aposentados, as mais hediondas pocilgas, as mais nojentas aglomerações põem em risco a vida do proletário e não raro inutilizam completamente famílias inteiras. (SANEAMENTO, p. 01, 1889)

3. Conforme os preceitos do naturalismo francês e brasileiro, o principal direcionamento da escrita literária é o de ‘fotografar’ a realidade dos grupos sociais. Este procedimento, entretanto, não garante êxito ao processo, uma vez que, a realidade social detém uma complexidade algarítmica. Faz-se necessário, porquanto, esforços em todas as áreas de conhecimento para que nos aproximemos destas múltiplas realidades da sociedade.

Por intermédio desta passagem identificamos a vinculação entre ordem social e higiene pessoal/coletiva, bem como a relação entre desordem do espaço e falta de higiene/limpeza. Servidoni evidencia a concepção de alguns jornais e também de escritores como Azevedo no seguinte trecho: “[...] expressava a própria mentalidade da sociedade carioca do período, a falta de asseio e higiene mantinha intrínseca relação com a formação moral do indivíduo, podendo corrompê-lo em seu caráter e dignidade.” (SERVIDONI, 2016, p. 80)

Pretende-se, portanto, interpretar os textos literários a partir de seu caráter de intervenção no mundo, de proposição política e intelectual, resultante em parte da verossimilhança que estabelece com o processo histórico e, por outro lado, da criatividade-inventividade, de processos cognitivos complexos, de determinadas características do psiquismo, entre outros elementos.

Desse modo, a ficção não está necessariamente vinculada à veracidade da história, mas sim ao indivíduo que escreve para debater, para contrapor-se e até mesmo para negar a realidade que o subjaz. Por não ter um compromisso rígido com a veracidade/verossimilhança a ficção expõe sonhos, dissimulações, medos, revoltas, invenções. E, a partir desses indicadores culturais também se faz história, certamente uma história das ideias atrelada à problematização dos textos, dos cânones, das escolhas estéticas, dos conteúdos abordados e dos conteúdos esquecidos, das personagens descritas e das personagens silenciadas, apagadas.

Nessa perspectiva, conforme escreve Lacapra “Canonization is a procedure not only of selection but of selective interpretation often in the direction of domestication.”⁴ (LACAPRA, 1983, p. 45). Nós, enquanto intérpretes da cultura e da sociedade por meio da temporalidade, devemos escavar as camadas de convenções interpretativas, localizando-as historicamente e desvendando suas lógicas de funcionamento.

Sendo assim, *O Cortiço* é um romance que compõe o cânone da literatura brasileira, além disso, por muito tempo foi leitura obrigatória de vestibulares. Esta seleção orientada de textos não está isenta dos mecanismos de poder de seu tempo, verifica-se determinada arbitrariedade nas escolhas dos objetos estéticos e literários. Ao pensarmos na baixa proeminência de grupos sociais diversos no ‘cânone’ brasileiro - faltam mulheres negras, indígenas, pessoas lgbtqi+, dentre outros - constata-se o desequilíbrio na participação destes agentes no cenário da literatura brasileira.

Dominick contribui para nossa interpretação da narrativa literária azevediana, pois, propõe uma forma de ler os textos denominados clássicos que envolve “[...] the interaction between the desire for unity, identity or purity and the forces that contest it [...] One practical implication of these considerations is the possibility of reconstructing norms and conventions⁵[...]” (LACAPRA, 1983, p. 60)

4. “A canonização é um procedimento não apenas de seleção, mas de interpretação seletiva, muitas vezes no sentido da domesticação. (Tradução própria, 2024)

5. “[...] a interação entre o desejo de unidade, identidade ou pureza e as forças que o contestam [...] Uma implicação prática dessas considerações é a possibilidade de reconstrução de normas e convenções [...]” (Tradução própria, 2024)

A seguir, vejamos um exemplo da exposição da voz narrativa sobre algumas personagens femininas. Por intermédio desta passagem temos acesso às convenções e normas mencionadas por Lacapra. Na sequência:

Agora, as duas cocotes, amigas inseparáveis, terríveis naquela inquebrantável solidariedade, que fazia delas uma só cobra de duas cabeças, dominavam o alto e o baixo Rio de Janeiro. Eram vistas por toda a parte onde houvesse prazer; à tarde, antes do jantar, atravessavam o Catete em carro descoberto, com a Juju ao lado; à noite, no teatro, em um camarote de boca, chamavam sobre si os velhos conselheiros desfibrados pela política e ávidos de sensações extremas, ou arrastavam para os gabinetes particulares dos hotéis os sensuais e gordos fazendeiros de café, que vinham à corte esbodegar o farto produto das safras do ano, trabalhadas pelos seus escravos. Por cima delas duas passara uma geração inteira de devassos. Pombinha, só com três meses de cama franca, fizera-se tão perita no ofício como a outra; a sua infeliz inteligência, nascida e criada no modesto lodo da estalagem, medrou logo admiravelmente na lama forte dos vícios de largo fôlego; fez maravilhas na arte; parecia adivinhar todos os segredos daquela vida; seus lábios não tocavam em ninguém sem tirar sangue; sabia beber, gota a gota, pela boca do homem mais avaro, todo o dinheiro que a vítima pudesse dar de si. (AZEVEDO, 1890, p. 317-318)

O processo social mencionado na passagem acima consiste na prevalência da prostituição na capital do país, vê-se um narrador substancialmente incomodado com essa prática. A partir deste trecho o autor reforça um determinado posicionamento, contribuindo para a elaboração de um imaginário social negativo diante de tais práticas.

A literatura contém, desse modo, um testemunho específico - ora criativo, combativo, destrutivo, concordante, performativo - das formas de atuar, de pensar e de ser no mundo. Escrever e publicar significa intervir no debate público. Estas intervenções, por sua vez, estão constantemente referindo-se metaforicamente, metonimicamente, simbolicamente à materialidade da história e a influência que os indivíduos exercem entre si.

Dessarte, nossa interpretação do romance tem por base a proposição de Lacapra sobre os textos literários, visto que, pretende compreender a “[...] relationship between social processes and the interpretation of texts⁶.” (LACAPRA, 1983, p. 41). Nesta vertiginosa relação entre sociedade e produção literária, tanto a obra, quanto a trajetória do autor são abordadas enquanto problemas de pesquisa, como indagações, como paradigmas interpretativos. Uma vez que, as narrativas assumem diferentes papéis no jogo social contemporâneo, confirmando ou até mesmo contradizendo os traços de autoria.

Em consonância com o exposto anteriormente, Lacapra propõe a seguinte pergunta “[...] how precisely the discursive practice, deep structure or ideology – even the prejudice – is situated in the text [...] ⁷.” (LACAPRA, 1983, p. 42). Porquanto, as ideologias políticas, as práticas discursivas e estruturas profundas mencionadas pelo autor se inserem no

6. “[...] relação entre processos sociais e interpretação de textos.” (Tradução própria, 2024)

7. “[...] quão precisamente a prática discursiva, a estrutura profunda ou a ideologia – até mesmo o preconceito – estão situadas no texto de outra forma que não em termos de instanciação ou simples reflexão. (Tradução própria, 2024)

campo mais amplo das disputas de poder, que estão situadas nos textos literários.

Por intermédio das considerações do historiador, interpretamos o texto literário como um entre-lugar em que a tradição literária mais antiga, abrangente se conecta ao tempo específico do escritor. Lacapra afirma que “The text is not immobilized or presented as na autonomous node, it is situated in a fully relational network⁸.” (LACAPRA, 1983, p. 44).

Esta teia de relações, por sua vez, envolve a tradição literária de um país, as convenções adotadas e os costumes em voga, além das escolhas e exclusões características do processo de canonização em literatura, as redes de intelectualidades elaboradas, as práticas intelectuais de cidades metropolitanas ou interioranas, dentre outros aspectos.

Nessa lógica, percebemos que ao escrever Azevedo estabelece relações com três fenômenos literários do século XIX, vinculados à tradição. Desse modo, o romantismo, o realismo e o naturalismo impactam a construção do enredo, as escolhas estéticas, as proposições performativas, a elaboração das personagens e o sentido de suas ações. Deessarte, todos estes aspectos constitutivos contribuem para as possibilidades interpretativas em literatura. Debateremos alguns deles mais adiante.

Portanto, ao refletir sobre essa ‘rede’ de fenômenos literários em que um texto está inserido identificamos as características sintomáticas do período, as críticas estabelecidas na obra, além das escolhas políticas que se faz, as ênfases em determinadas características das personagens ou o enfraquecimento de determinados imaginários sociais. Nos próximos tópicos da dissertação aprofundaremos tais aspectos.

Nesta perspectiva, o movimento naturalista e o movimento realista, ou, o real-naturalismo representam bases significativas do corpus literário azevediano. Sendo referências importantes para escolha dos temas e enfoques narrativos. O naturalismo à brasileira - elaborado por Azevedo através das leituras do francês Zola - tem por características o determinismo geográfico, a animalização das personagens, a descrição dos costumes e hábitos, a generalização dos grupos sociais, além do evolucionismo social em sua composição.

O realismo, por sua vez, enquanto um fenômeno ascendente no cenário literário do país está radicado na observação da sociedade, na crítica dos costumes e no desmascarar das hipocrisias, contrapondo-se, portanto, ao legado dos românticos. Seus principais representantes foram Machado de Assis, Raul Pompeia, Xavier Marques, João Lúcio Brandão, Júlia Lopes de Almeida, Aluísio de Azevedo e Artur de Azevedo. Além dos movimentos literários, outros fatores importantes na composição do texto literário consistem na função escapista e na compensação imaginativa/imaginária adotada por escritores diante das imperfeições da realidade empírica. Quer seja, escreve-se nas veredas da imaginação e da realidade, nas veredas do sonho e do espanto, conectando a letra e da ideia.

8. “O texto não está imobilizado nem apresentado como um nó autónomo, está situado numa rede plenamente relacional.” (Tradução própria, 2024)

Nesta linha de análise, Lacapra explora as diferentes modalidades de um texto, colocando em análise as relações entre texto e autoria; texto e cultura; texto e modos de discurso; texto e trajetória do autor. (LACAPRA, 1983). Uma das propostas do autor envolve a contraposição estratégica, a interpelação dialógica e a exploração interpretativa dos conflitos potenciais entre texto e realidade histórica, ao buscar a lógica interna da narrativa, seus enlaces ideológicos, discursivos e estigmatizantes. Analisamos Azevedo, portanto, como um agente social engajado, propositivo diante dos dilemas da nacionalidade brasileira. A narrativa, por sua vez, está situada na relação-problema entre fato e ficção, entre metáforas potentes e conceitos políticos, sociais, entre generalizações e peculiaridades.

A grande contribuição de Lacapra para nosso método de abordagem do texto literário consiste na proposição de um diálogo com o passado que está radicada no presente. Adota-se, portanto, uma postura interpretativa menos documentária e, mais vinculada à decodificação da performatividade da narrativa, que busca compreender as dinâmicas das personagens atreladas aos efeitos de linguagem possíveis. Aborda-se, porquanto, a obra através da propositividade criativa de um escritor-leitor, dos jogos simbólicos, que podem assumir caracteres satíricos, paródicos, metonímicos, sinestésicos, dentre outros elementos constitutivos da ficção.

O CORTIÇO ENQUANTO UMA PERSONAGEM COLETIVA E UM LUGAR SOCIAL NA CAPITAL DO BRASIL

Aluísio de Azevedo é considerado um dos maiores representantes do real-naturalismo no Brasil. Esse movimento literário pode ser considerado uma estética de escrita que compôs parte do amplo realismo brasileiro durante as décadas de 1880-1900, aproximadamente. Os escritores/as naturalistas tentavam compreender e descrever as dinâmicas sociais por intermédio do argumento da cientificidade.

Desse modo, a ciência reivindicada pelos naturalistas se transforma em um grande paradigma, uma vez que, ela sofre profundas transformações ao decorrer do tempo histórico. Falar de ciência no século XIX envolve aspectos díferentes. Os procedimentos foram transformados de lá para cá e, seguem em constante movimento teórico, empírico e reflexivo. Vejamos uma passagem do período, que tenta expressar as expectativas de Aluísio diante de sua produção literária:

[...] A obra que preocupa agora o espírito do nosso romancista, e que será talvez o seu trabalho de maior fôlego, tem por título 'Brasileiro antigos e modernos' e consta de cinco livros, do tamanho cada um da Casa de Pensão; a saber: 1º O Cortiço. 2º A família brasileira. 3º O felizardo. 4º A loreira. 5º A bola preta. Esta obra, unida por uma teia geral que a atravessa desde o primeiro até ao último livro, representará, todavia, cinco romances, perfeitamente completos, cada um dos quais poderá ser lido em separado. A ação principia no tempo da Independência e acabará, segundo espera o autor, pelos meados do ano que vem, ou talvez do imediato, isto é: começa em 1820 e acaba em 1887. Aluísio conta que estes dois anos ainda não vividos lhe fornecerão uma cena política de que ele precisa para fecho do seu trabalho. Tenciona pintar cinco épocas distintas, durante as quais o Brasil se vai transformando até chegar – ou a um completo desmoronamento político e social, ou a uma completa regeneração de costumes, imposta pela revolução. O primeiro romance, O Cortiço, faz-nos ver um colono analfabeto que de Portugal vem com a mulher trabalhar no Brasil, trazendo consigo uma filhinha de dois anos. Esta menina vem a ser a menina do cortiço, um dos tipos mais acentuados da obra, o qual será ligado imediatamente a um novo tipo, o tipo do vendeiro amancebado com a preta. O colono deixa a mulher por uma mulatinha, e deste novo enlace surgem o Felizardo e a Loreira.. (A semana, 1885, p. 03)

Conforme a passagem acima demonstra, há uma aproximação entre método científico e escrita literária de caráter real-naturalista. O naturalismo, de modo geral, tentava aplicar o método científico de observação da sociedade e dos comportamentos humanos. No âmbito da produção literária, inspirava-se nas teorias de Darwin (sobrevivência do mais apto), Auguste Comte (estado positivo), Spencer, dentre outros autores. Alguns autores inferem que Azevedo e os naturalistas buscavam aplicar o 'positivismo nas artes', enfatizando a ordem e o progresso como horizontes de expectativas dos autores. Servidoni argumenta que Aluísio era:

Adepto das ideias difundidas por Emile Zola, Aluísio Azevedo foi considerado por boa parte da crítica literária como o precursor da estética naturalista no Brasil. Entretanto, não manteve suas produções artísticas atreladas unicamente aos preceitos do movimento naturalista; pelo contrário, é possível encontrar características românticas no enredo de *O Mulato*, romance ao qual foi atribuído o título de obra inaugural do Naturalismo brasileiro, bem como entrever resquícios ou até mesmo fortes contornos do realismo em muitas das descrições pertencentes às narrativas folhetinescas. (SERVIDONI, 2016, p. 38)

Nessa perspectiva, vale ressaltar que os movimentos literários são balizas para fins didáticos - ou categorias amplas e generalizantes, que tem seus méritos e limitações interpretativas - para uma melhor compreensão do processo social brasileiro. As escolas literárias são, portanto, flexíveis e abertas para novas incorporações. a partir de uma releitura do cânone, descoberta de novas autoras/es, demandas do período contemporâneo ou revisões das temáticas narrativas. Desse modo:

[...] havia um debate efervescente acerca do mais novo movimento literário pós e antirromântico. De um lado, havia os defensores, os próprios romancistas, que se esforçavam para defender e promover o Naturalismo no Brasil. Do outro, havia os detratores, os críticos literários, que não desculpavam as obscenidades e a linguagem considerada inadequada nas obras de cunho naturalista. (FLOR, 2015, p. 10)

A partir deste trecho se percebe as disputas de poder no campo da cultura literária, visto que, diferentes atores sociais entravam em conflito em razão da 'obscenidade' desta peculiar narração real-naturalista. A forma de narrar dos naturalistas rompia com alguns preceitos dos românticos, uma vez que, aproxima-se das práticas populares, dos hábitos recorrentes, evitando a clássica formalidade dos escritores-bacharéis.

Nesse sentido, o naturalismo brasileiro tinha por base o trabalho de Émile Zola, escritor francês. Zola propunha – e Aluísio praticava de modo particular - o método de investigação científica sobre o ser humano e o mundo social aplicado à escrita da literatura. O olhar naturalista para o indivíduo da modernidade se baseava, principalmente, em concepções radicadas no darwinismo social, no determinismo geográfico e na eugenia, fenômenos sociais preponderantes durante o longo século XIX. Além disso, uma parcela significativa das instituições europeias partilhava de tais premissas científicas.

Vale lembrar, que os modelos de ciência da época não escapam à mutabilidade do tempo histórico, passando por profundas modificações, atualizações e releituras. Nessa lógica, conforme novas descobertas, novos métodos e pesquisas são desenvolvidos se modificam também as perspectivas da ciência, seus resultados e discussões.

Ressalta-se que, apesar da influência naturalista nos romances brasileiros, cada romance possui facetas singulares, lógicas de funcionamento próprias, que os distinguem e particularizam. Pode-se abordá-los, portanto, a partir de um eixo generalista e também por meio de análises mais específicas, focadas em um autor e seu corpus textual, por exemplo. Os dois movimentos metodológicos nos parecem necessários, propiciando uma relação dialógica com o objeto de estudo.

Porquanto, a literatura naturalista parte de uma observação da sociedade que dispõe de leituras culturais caricaturadas, universalizantes e mecanicistas dos fenômenos históricos. De modo geral, o movimento literário naturalista, de raízes francesas, chega ao Brasil em:

[...] um período de intensa produção literária. Vários romances pertencentes a esse modelo estético foram escritos, muitos romancistas adotaram e defenderam o movimento naturalista no Brasil e alguns leitores consumiram e continuam consumindo as obras produzidas por esses escritores. Prova disso é que até hoje romances referentes a esse modelo estético são reeditados, como *O Mulato* (1881), *Casa de Pensão* (1884) e *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo; *A Normalista* (1893) e *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha; e *O Missionário* (1891), de Inglês de Sousa. (FLOR, 2015, p. 11)

Ao lado de “*O Cortiço*” (1890), destacam-se obras realistas-naturalistas como ‘*O Ateneu*’ (1888) de Raul Pompéia, “*A Falência*” de Júlia Lopes de Almeida e ‘*O Bom Crioulo*’ de Adolfo Caminha (1895). Nestes romances há personagens interessantes, que permitem-nos desvendar parcelas do imaginário social a respeito das dinâmicas sociais do período, ao interpretá-las enquanto formuladoras de identidades diversas e replicadoras daquelas preexistentes.

Além disso, desde suas primeiras publicações os romances naturalistas geram polêmicas, debates e críticas, ao abordar questões do universo privado, da intimidade, como o matrimônio, as relações de amizade, conflitos de interesses e disputas de poder entre as personagens. Temas como a animalização do humano, o trabalho e seus enlances, a escravidão, a política e o comportamento também são recorrentes nestas obras.

Desse modo, as narrativas literárias geram interesse em públicos diversos, causam admiração em alguns, estranhamento para outros, dependendo do lugar social de quem lê. Por mais que já tenham se passado 120 anos desde as primeiras edições em folhetins, estas obras continuam nos falando sobre o tempo passado e sobre o tempo presente, no instante em que as duas esferas se mesclam, modificando-se ao longo do processo histórico.

Durante o século XIX a circulação de periódicos era disseminada, principalmente na corte imperial. Nestes jornais se publicava sobre uma variedade imensa de assuntos, dentre eles, as produções literárias, geralmente em capítulos ou partes mais curtas. No Rio de Janeiro os índices de alfabetização eram superiores às demais cidades brasileiras. Nessa lógica, a forma de produção capitalista-industrial remodela a história da leitura e da literatura, aumentando o acesso ao universo letrado. Desde a invenção de prensa em 1450 as práticas de leituras intensificam-se, a relação do leitor com as publicações se torna mais íntima, mais individual.

Associado à consolidação da ordem capitalista mundial - a partir da Revolução industrial, principalmente - reforça-se a ideia de *indivíduo*, enquanto uma categoria singular, um ser desejante com características diferenciais. Faz-se necessário, porquanto, forjar a

identidade de consumidores potenciais para tantas mercadorias produzidas no centro do capitalismo monopolista.

Desse modo, se há novas mercadorias é preciso criar novos hábitos, novas necessidades e novos mercados, este processo produz transformações substanciais no estilo de vida e consumo das sociedades globais. Neste contexto de produção, os romances modernos - sobretudo na Europa e EUA - estabelecem uma relação profícua com a individualidade do ser pós-iluminismo e revoluções burguesas, seus gostos, preferências e aspirações. Na argumentação de Franco Moretti os romances acompanham, a seu modo e ritmo, esse movimento político-econômico de interiorização das identidades. Na sequência citamos dois exemplos fornecidos pelo autor da representação da ordem burguesa na literatura:

In this perspective, the first part of Robinson Crusoe is a perfect illustration of the adventure- mentality of early modern long- distance trade, with its 'risks that [were] not just high, but incalculable, and, as such, beyond the horizon of rational capitalist enterprise. (MORETTI, 2013, p. 26)

E, quando Moretti menciona o escritor polonês Joseph Conrad, reconhecido por sua literatura em diálogo com o mundo imperial britânico, aponta as especificidades da construção de personagens literárias em um ordenamento social direcionado pela burguesia. Citamos o trecho abaixo, pois, enquadramos a personagem de João Romão em um cenário semelhante ao elaborado pelo historiador a respeito da obra conradiana. Vejamos, ele propõe que:

Conrad's entrelacement of metropolitan reflection and colonial romance— is still perfectly appropriate to the representation of modernity. This, then, is the historical basis for the 'two Robinsons', and the ensuing discontinuity in the structure of Defoe's narrative: the island offers the first glimpse of the industrious master of modern times; the sea, Africa, Brazil, Friday, and the other adventures give voice to the older—but never fully discarded—forms of capitalist domination. From a formal viewpoint, this coexistence-without-integration of opposite registers—so unlike Conrad's calculated hierarchy, to use that parallel again—is clearly a flaw of the novel. But, just as clearly, the inconsistency is not just a matter of form: it arises from the unresolved dialectic of the bourgeois type himself, and of his two 'souls':³² suggesting, contra Weber, that the rational bourgeois will never truly outgrow his irrational impulses, nor repudiate the predator he once used to be. In being, not just the beginning of a new era, but a beginning in which a structural contradiction becomes visible that will be never overcome, Defoe's shapeless story remains the great classic of bourgeois literature. ¹(MORETTI, 2013, p. 34-35)

1. O entrelaçamento de Conrad entre a reflexão metropolitana e o romance colonial ainda é perfeitamente apropriado para a representação da modernidade. Esta é, então, a base histórica para os "dois Robinsons" e a descontinuidade que se segue na estrutura da narrativa de Defoe: a ilha oferece o primeiro vislumbre do mestre industrioso dos tempos modernos; o mar, a África, o Brasil, a sexta-feira e as outras aventuras dão voz às formas mais antigas – mas nunca totalmente descartadas – de dominação capitalista. Do ponto de vista formal, esta coexistência sem integração de registos opostos – tão diferente da hierarquia calculada de Conrad, para usar novamente esse paralelo – é claramente uma falha do romance. Mas, igualmente claramente, a inconsistência não é apenas uma questão de forma: ela surge da dialética não resolvida do próprio tipo burguês, e das suas duas "almas":³² sugerindo, contra Weber, que o burguês racional nunca superará verdadeiramente seus impulsos irracionais, nem repudiar o predador que ele costumava ser. Por ser não apenas o início de uma nova era, mas um início no qual se torna visível uma contradição estrutural que

Nessa perspectiva, também verificamos em Aluísio a representação da modernidade brasileira, ou melhor, do desejo de modernidade desafiado pela coexistência do discurso liberal e da prática escravista, conforme menciona Fischer. O crítico literário argumenta que:

O autor diz e eu sublinho: 'Sumariamente está montada uma comédia ideológica, diferente da europeia'. 'Impugnada a todo instante pela escravidão a ideologia liberal, que era a das jovens nações emancipadas da América, descarrilava'. Constatando, ou presumindo, que a escravidão era o nexó fundamental no mundo da produção no Brasil, Schwarz volta sua atenção para os homens livres, 'nem proprietários nem proletários', que viviam dependentes do favor de um grande, e este favor é dado então como 'a nossa mediação quase universal', isso num mundo real organizado pela brutalidade da escravidão e num mundo discursivo organizado pela elegância do liberalismo. (FISCHER, l. 3061, 2021)

Desse modo, este trecho sobre o “[...] mundo real organizado pela brutalidade da escravidão e num mundo discursivo organizado pela elegância do liberalismo.” (FISCHER, l. 3068, 2021) Sintetiza suficientemente bem a representação da personagem de Romão. Em uma das cenas mais emblemáticas do romance, dotada de ironia e sátira, depois de influenciar a grande tristeza da personagem Bertoleza, Romão é condecorado por sua luta antiescravista.

Antônio Candido começa seu artigo sobre ‘O Cortiço’ com a seguinte frase: “Embora filha do mundo, a obra é um mundo.” (CÂNDIDO, 1976, p. 111). Essa frase sintetiza dois dos objetivos desta dissertação. O primeiro deles envolve a análise do contexto histórico, ou seja, a obra filha de um complexo mundo social radicado nas principais ideias, contradições, costumes e valores que circulavam no Rio de Janeiro oitocentista.

O segundo objetivo consiste na interpretação da obra-mundo, uma vez que esta possui dinâmicas próprias ligadas às formulações das personagens, tipificação dos enredos, tipos de narradores, focalizações e perspectivas narrativas, autores e suas trajetórias, dentre outros elementos. Nessa lógica, busca-se uma dupla compreensão sobre os aspectos específicos dos romances real-naturalistas, com o objetivo de compreendê-los por intermédio da metodologia da história das ideias e dos conceitos, tendo por base a bibliografia de história social e dos estudos literários.

Candido informa que a obra literária para o movimento naturalista era percebida enquanto uma “[...] transposição direta da realidade, como se o escritor conseguisse ficar diante dela na situação de puro sujeito em face do objeto puro, registrando [...] as noções e impressões que iriam constituir o seu próprio texto.” (CÂNDIDO, 1976, p. 111). Se essa era a intenção dos escritores naturalistas, temos vários motivos para questionar aquilo que escreveram sobre a sociedade.

E, a partir deste questionamento, reconstituir as principais tensões sociais do período, disputas entre os sujeitos e conflitos culturais. Com ênfase nas relações de poder

nunca será superada, a história disforme de Defoe continua sendo o grande clássico da literatura burguesa. (Tradução própria, 2024)

2. “l” refere-se à localização do trecho no e-book, edição kindle.

que permeiam a narrativa literária naturalista e o poder da narratividade. Narratividade se refere ao poder de escrita e publicação das obras, a voz social daquele que escreve, a elaboração social do cânone, posto que, colocar-se como escritor na sociedade oitocentista envolvia muitos fatores, ter visibilidade, compor a lista dos 'clássicos', por exemplo.

Desse modo, todos estes aspectos acima mencionados nos falam sobre a rede intelectual/literária do país durante a transição do império para a república. Questionar o texto, no sentido historiográfico do termo, ou seja, estabelecer perguntas de historiador ao texto literário, escavando as ideias que sustentaram os discursos em seu tempo. Nessa perspectiva, uma pergunta central que estabelecemos; Que país e que mundo vivido Azevedo descreve e representa no *Cortiço*? E, além desta, outros questionamentos acessórios; 1. Que sociedade ele representa em seu *corpus textual*? E como? 2. Como o ideal de nação encontra o imperativo da modernização? 3. Quais as instâncias de temporalidade debatidas por ele? 4. Quais as expressões da espacialidade adotadas no romance? tentaremos responder alguns destes pontos nas próximas páginas.

Aluísio de Azevedo visitou os cortiços cariocas com a intenção de melhor descrevê-los em seu romance, viveu no Rio de Janeiro por alguns anos. Sabe-se bem sobre a parcialidade de tudo que se escreve, sobre a posição daquele que escreve, que é perpassada pelo poder, pelo capital cultural, pelo *status* social, principalmente. Sendo assim, a narrativa de Azevedo parte de um lugar específico, filtrada pela decantação de um processo social mais amplo que atinge todos os indivíduos.

Nessa perspectiva, Azevedo não descreve um objeto puro como pretendia o naturalismo, mas sim, escreve um texto - socialmente radicado, historicamente marcado - sobre objetos fraturados que passam pelo prisma da cultura hegemônica em que o autor está inserido. Outro exemplo de autor naturalista; Adolfo Caminha trabalhara na marinha brasileira por algum tempo, ali coletara informações relevantes para seu mais famoso romance, 'O Bom Crioulo' (1895).

Contudo, a equação aqui se repete, ou seja, Caminha não transcreve a realidade da marinha brasileira de modo integral, mas sim, interpreta e propõe ideias literárias, sociais, políticas sobre ela, sobre os marinheiros, sobre a disciplina da instituição, sobre os castigos físicos, sobre a Monarquia brasileira, sobre o trabalho dos homens, entre outros tópicos.

O predomínio de temas na narrativa azevediana envolve a vida cotidiana dos trabalhadores precarizados, a exploração econômica por parte de Romão, o trabalho em suas distintas esferas, hábitos gastronômicos e preferências musicais, além de, algumas reflexões importantes sobre a nacionalidade e a nação brasileira. Azevedo escreve durante um período histórico em que o mundo empírico da sociedade brasileira estava radicado na escravidão, enquanto o mundo discursivo tomava por prerrogativa do liberalismo. Além disso, conforme aponta Luís Augusto Fischer, a lógica do capital no Brasil é supranacional, entretanto, a dinâmica laboral continua centrada no elemento nacional.

A partir de *Cândido*, portanto, podemos rastrear na narrativa a materialidade do mundo e seus sentidos possíveis na sociedade carioca. Influenciado pela geração dos

anos 1960, Cândido lê a obra de Azevedo a partir das “[...] nacionalidades num romance que não questiona os fundamentos da ordem.” (CÂNDIDO, 1976, p. 116). Entretanto, desde a publicação do famoso artigo do autor outras análises surgiram, apontando para outras leituras possíveis. É o que veremos a seguir.

No livro “O Cortiço” (publicado em 1890) o processo de modernização, parte importante do avanço do capitalismo-financeiro no Brasil do século XIX, ganha uma cartografia literária peculiar. Azevedo descreve, debate atores sociais diversos sob o processo de exploração do trabalho na capital imperial, Rio de Janeiro. Era um período de aumento populacional vertiginoso - décadas de 1870 e 1880 - em decorrência das migrações internas e externas, principalmente.

A lógica do trabalho se modifica rapidamente nas décadas que antecipam à proclamação da República de 1889 e a promulgação da Lei Áurea de 1888. O autor implicado representa a diversidade de atividades laborais no cortiço nesta passagem:

O zum-zum chegava ao seu apogeu. A fábrica de massas italianas, ali mesmo da vizinhança, começou a trabalhar, engrossando o barulho com o seu arfar monótono de máquina a vapor. As corridas até à venda reproduziam-se, transformando-se num verminar constante de formigueiro assanhado. Agora, no lugar das bicas apinhavam-se latas de todos os feitios, sobressaindo as de querosene com um braço de madeira em cima; sentia-se o trapejar da água caindo na folha. Algumas lavadeiras enchiam já as suas tinhas; outras estendiam nos coradoiros a roupa que ficara de molho. Principiava o trabalho. Rompiam das gargantas os fados portugueses e as modinhas brasileiras. Um carroção de lixo entrou com grande barulho de rodas na pedra, seguido de uma algazarra medonha algarviada pelo carroceiro contra o burro. E, durante muito tempo, fez-se um vaivém de mercadores. Apareceram os tabuleiros de carne fresca e outros de tripas e fatos de boi; só não vinham hortaliças, porque havia muitas hortas no cortiço. (AZEVEDO, 1890, p. 44)

O trabalho informal no Rio de Janeiro era significativo. No trecho acima o autor explora diferentes modalidades de labor. Além disso, o acesso à moradia era precário, principalmente para as populações recém libertas/os do regime de escravidão. A onda de imigração europeia aumentava a disputa por postos de trabalho, e simultaneamente, transformava os núcleos sociais brasileiros, modificava a estratificação das cidades. Quando pensamos em trabalho também pensamos em cortiços, visto que, há uma intrínseca relação entre eles. Chalhoub, sobre os cortiços escreve:

[...] a importância dessas habitações coletivas da Corte nas lutas sociais contra a escravidão nas últimas décadas do período monárquico. Mais precisamente, desejava reconstituir as práticas de solidariedade e organização das comunidades dos cortiços para a libertação de escravos à revelia de seus senhores — principalmente através da indenização de preço, recurso legalmente instituído pela Lei do Ventre Livre, em 1871. Buscava também explorar os cortiços como esconderijos dentro da cidade, fatores de embaralhamento de livres e cativos e, portanto, como rede de proteção a escravos fugidos e elemento desagregador da instituição da escravidão. Essas expectativas originais não foram propriamente malogradas, pois

há, sim, testemunhos irretorquíveis sobre a relevância das solidariedades construídas nos cortiços para a luta dos negros pela liberdade. (CHALHOUB, 1996, p. 05)

Conforme Chalhoub argumenta, as habitações coletivas assumem um papel decisivo nas lutas populares, na propagação de ideias e práticas sociais da cultura não-hegemônica. Além do Rio de Janeiro³, a cidade de São Paulo também recebe milhares de imigrantes japoneses, coreanos, portugueses, alemães e principalmente italianos em fins do século XIX e começo do XX. O atual porto de Santos desempenhou um papel econômico imprescindível para o crescimento do país desde os tempos da colonização. E, ficava próximo da atual capital do Estado. A metrópole, assim como o Rio, também passa por um processo de modernização, que evidencia os principais conflitos sociais entre os segmentos.

Em São Paulo os cortiços, casas de cômodos e pensões acompanharam o crescimento populacional, caracterizando-se por oferecer moradia acessível, relativamente barata, nas proximidades dos locais de trabalho dos moradores. As populações negras, mestiças e de brancos pobres desempenhavam diversas atividades laborais nas grandes cidades, principalmente nos setores de prestação de serviços.

Nessa lógica, morar perto do local de trabalho ou a conjugação entre espaço de trabalho e moradia era bastante comum durante o século XIX no Brasil. Neste trecho do romance percebe-se a relação de dependência na dinâmica de trabalho no país, através de uma emblemática coexistência entre lastros da escravidão e crescimento do trabalho assalariado livre. Por meio da descrição da rotina de duas personagens, Romão e Bertoleza, o autor interpreta o trabalho:

Proprietário e estabelecido por sua conta, o rapaz atirou-se à labutação ainda com mais ardor, possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado as mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo travesseiro de um saco de estopa cheio de palha. A comida arranjava-lha, mediante quatrocentos réis por dia, uma quitandeira sua vizinha, a Bertoleza, crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade. Bertoleza também trabalhava forte; a sua quitanda era a mais bem-afreguesada do bairro. De manhã vendia angu, e à noite peixe frito e iscas de fígado; pagava de jornal a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria. (AZEVEDO, 1890, p. 09)

Aqui, percebe-se as privações de Romão para atingir seu maior objetivo: enriquecer. Entretanto, diferentemente de uma aristocracia vinculada à monarquia, repleta de luxos, tempo livre e mordomias – Romão trabalha duro também, ao menos até expandir o cortiço e conseguir viver dos aluguéis e de investimento em bancos. Romão trabalhava com o objetivo de enriquecer, Bertoleza na tentativa de liberdade.

3. As Camélias do Leblon, livro de Eduardo Silva, são uma ótima indicação de leitura sobre o fortalecimento das lutas sociais no Rio de Janeiro.

Sendo assim, Azevedo está apresentando o trabalho em dois níveis distintos de condição. Entretanto, ao passo que as metas dos dois personagens expressem diferentes objetivos, ambos parecem perseguir certa libertação do próprio trabalho, ainda que a liberdade do primeiro seja muito mais acentuada do que a da segunda. Nosso autor implicado, aparentemente, não é solidário com o português, uma vez que o coloca na posição de 'vilão', ou, de anti-herói. Nesta outra passagem do romance temos a visão de uma personagem sobre o vendeiro:

Ah! ele esse dia estava intolerante com tudo e com todos; por mais de uma vez mandara Bertoleza à coisa mais imunda, apenas porque esta lhe fizera algumas perguntas concernentes ao serviço. Nunca o tinham visto assim, tão fora de si, tão cheio de repelões; nem parecia aquele mesmo homem inalterável, sempre calmo e metódico. E ninguém seria capaz de acreditar que a causa de tudo isso era o fato de ter sido o Miranda agraciado com o título de Barão. Sim, senhor! aquele taverneiro, na aparência tão humilde e tão miserável; aquele sovina que nunca saíra dos seus tamancos e da sua camisa de riscadinho de Angola; aquele animal que se alimentava pior que os cães, para pôr de parte tudo, tudo, que ganhava ou extorquia; aquele ente atrofiado pela cobiça e que parecia ter abdicado dos seus privilégios e sentimentos de homem; aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão ao dinheiro, invejava agora o Miranda, invejava-o deveras, com dobrada amargura do que sofrera o marido de Dona Estela, quando, por sua vez, o invejara a ele. (AZEVEDO, 1890, p. 153)

Com a ajuda imprescindível de Bertoleza o português furta, obtém vantagem, explora a mão de obra, constrói sua história e cresce economicamente, se faz grande entre os populares, diferenciando-se. Ao enriquecer ele passa a frequentar a charmosa rua do Ouvidor no Rio, faz-se presente nos cafés frequentados pelo 'alta' sociedade carioca, veste-se conforme a última moda, investe na bolsa, associa-se aos bancos. Conforme menciona o autor implicado:

E as dúbias sombras tomavam forma, e as vozes duvidosas e confusas transformavam-se em falas distintas, e as linhas desenhavam-se nítidas, e tudo ia se esclarecendo e tudo se aclarava, num reviver de natureza ao raiar do sol. Os tênues murmúrios suspirosos desdobravam-se em orquestras de baile, onde se distinguíam instrumentos, e os surdos rumores indefinidos eram já animadas conversas, em que damas e cavalheiros discutiam política, artes, literatura e ciência. E uma vida inteira, completa, real, descortinou-se amplamente defronte dos seus olhos fascinados; uma vida fidalga, de muito luxo, de muito dinheiro; uma vida em palácio, entre mobílias preciosas e objetos esplêndidos, onde ele se via cercado de titulares milionários, e homens de farda bordada, a quem tratava por tu, de igual para igual; pondo-lhes a mão no ombro. E ali ele não era, nunca fora, o dono de um cortiço, de tamancos e em mangas de camisa; ali era o Sr. Barão! O Barão do ouro! o Barão das grandezas! o Barão dos milhões! Vendeiro? (AZEVEDO, 1890, p. 156)

Seus hábitos de consumo são radicalmente modificados ao longo do romance. Nessa perspectiva, a transformação da personagem nos informa sobre lógicas econômicas

mais abrangentes, como a consolidação da ordem burguesa no país. Além disso, para o português imigrante era oportuno aproximar-se da família aristocrática de Miranda, inclusive, pretende se casar com a filha deste. Simultaneamente, é um imperativo se distanciar de Bertoleza, pelas razões que sinalizam o processo de racialização da sociedade brasileira.

Portanto, na trajetória de João Romão, percebe-se a genealogia do grande burguês, do grande capitalista, se tomarmos por base a tese de Franco Moretti e olharmos para o objeto de estudo - a personagem de Romão - como um arquétipo social. Além de Romão, outra personagem central do romance é o Cortiço. Neste caso, caracteriza-se por ser uma personagem coletiva, generalizante, aglomeradora de múltiplas identidades, que delimita e sustenta a ação dos moradores e a distribuição do próprio espaço da cidade.

O Cortiço-personagem também se transforma ao longo da narrativa, ampliando-se, mudando sua freguesia e seus locatários. Nessa lógica, a mudança da personagem acompanha o ritmo da modernização, bebendo do ideal moderno de cidade, que buscava à ordem, higiene e o progresso, sobretudo. Ideal de progresso da civilização, aliás, um dos grandes temas do movimento republicano brasileiro, que impulsiona a perspectiva pela qual as autoridades públicas, os sanitaristas e os investidores imobiliários pensam nas reformas urbanas no Rio.

Desde a vinda da família real para o Rio de Janeiro em 1808 acentua-se o desejo de remodelar, higienizar e sanitizar a capital do império. Um dos objetivos era tornar a cidade mais atraente para turistas, investidores e imigrantes. Outro objetivo da elite política e econômica era tornar a cidade mais agradável, limpa e segura para quem pudesse pagar por imóveis 'bem' localizados. Na lógica das autoridades a informalidade e a precariedade das moradias 'atrapalhava' a consolidação do Rio enquanto cartão-postal do país.

Resolver o problema da informalidade do trabalho - enquanto herança nociva do escravismo - não era uma pauta central para os dirigentes políticos da época. Nesse sentido, parcela significativa da população não obtinha rendimentos suficientes para adquirir ou locar habitações mais arejadas e organizadas. Na passagem subsequente temos a representação dos conflitos sociais urbanos:

Um vendedor de peixe, que caiu na asneira de falar a um cabeça de gato a respeito de uma briga entre a Machona e sua filha, a das Dores, foi encontrado quase morto perto do cemitério de São João Batista. Alexandre, esse então não cochilava com os adversários: nas suas partes policiais figurava sempre o nome de um deles pelo menos, mas entre os próprios polícias havia adeptos de um e de outro partido; o urbano que entrava na venda do João Romão tinha escrúpulo de tomar qualquer coisa ao balcão da outra venda. Em meio do pátio do Cabeça de Gato arvorara-se uma bandeira amarela; os carapicus responderam logo levantando um pavilhão vermelho. E as duas cores olhavam-se no ar como um desafio de guerra. (AZEVEDO, 1890, p. 204-205)

Neste contexto, as rivalidades entre os cortiços evidenciam as disputas por poder na cidade em expansão. Ao decorrer das décadas de 1880-1890 a cidade do Rio testemunha um fenômeno de inchaço urbano, com milhares de trabalhadores empobrecidos e

precarizados, sem acesso à moradia ideal, sem acesso à educação de qualidade, nem direitos trabalhistas garantidos. Se pensarmos na longa duração braudeliana, encontramos conexões entre a era dos cortiços (meados do século XIX) e a era das favelas brasileiras (meados do século XX).

Um dos grandes problemas enfrentados pelos moradores, pelas autoridades e pelos higienistas era a ameaça de doenças. Os cortiços estavam no âmago desta questão social, uma vez que, eram considerados um dos disseminadores das ‘pestes’ ou ‘miasmas’, que assolavam a cidade com frequência. Chalhoub sintetiza bem este processo:

[...] ao falar de cortiços, os médicos higienistas mantinham a vista parcialmente voltada para os paquetes que demandavam o porto do Rio. Temiam o desembarque da febre amarela. Tornou-se evidente, aos poucos, que cortiços e epidemias de febre amarela eram assuntos indissociáveis para personagens eminentes do tempo de d. Pedro II. Os cortiços supostamente geravam e nutriam “o veneno” causador do vômito preto. Era preciso, dizia-se, intervir radicalmente na cidade para eliminar tais habitações coletivas e afastar do centro da capital as “classes perigosas” que nele residiam. Classes duplamente perigosas, porque propagavam a doença e desafiavam as políticas de controle social no meio urbano. História construída no entrelaçamento de muitas histórias, a da febre amarela convergiu sistematicamente para a história das transformações nas políticas de dominação e nas ideologias raciais no Brasil do século XIX.. (CHALHOUB, 1996, p. 06)

Nessa lógica, o controle social das ‘classes perigosas’, mencionado pelo autor, suscita um amplo debate sobre a marginalização das populações e sobre a modernização excludente que se consolida no país pós proclamação da República. Chalhoub também evidencia as ideologias raciais, que nortearam o imaginário social hegemônico a respeito dos cortiços.

A disputa pelo poder na cidade está dada, com diferentes atores dispostos a participar do jogo, alguns deles com argumentos que evocavam a ‘higiene pública’, outros com argumentos fundamentados em teses jurídicas, outros com argumentos de posse e usufruto, entre outros. O conflito social chega ao ápice quando as autoridades decidem demolir os cortiços, sob alegação de insalubridade e irregularidade jurídica, sumariamente. Chalhoub menciona este processo autoritário por parte das lideranças cariocas:

Era o dia 26 de janeiro de 1893, por volta das seis horas da tarde, quando muita gente começou a se aglomerar diante da estalagem da rua Barão de São Félix, no 154. Tratava-se da entrada principal do Cabeça de Porco, o mais célebre cortiço carioca do período: um grande portal, em arcada, ornamentado com a figura de uma cabeça de porco, tinha atrás de si um corredor central e duas longas alas com mais de uma centena de casinhas. Além dessa rua principal, havia algumas ramificações com mais moradias e várias cocheiras. Há controvérsia quanto ao número de habitantes da estalagem: dizia-se que, em tempos áureos, o conjunto havia sido ocupado por cerca de 4 mil pessoas; naquela noite de janeiro, com toda uma ala do cortiço interditada havia cerca de um ano pela Inspetoria Geral de Higiene, a Gazeta de Notícias calculava em quatrocentos o número de moradores. Outros jornais da época, porém, afirmavam que 2 mil pessoas ainda habitavam o local. (CHALHOUB, 1996, p. 11-12)

Além disso, com o crescimento das cidades brasileiras em decorrência do êxodo rural, da desagregação do escravismo e do imigrantismo, as polícias urbanas atuaram no controle social dos grupos marginalizados, representando a extensão do poder dos proprietários de escravizadas/os. Fica sob responsabilidade dos policiais reprimir e delimitar o comportamento dos segmentos empobrecidos. Nessa perspectiva, “O que antes era uma justiça particular aplicada no interior das fazendas e casas senhoriais tornou-se a prática institucional da autoridade pública republicana.” (SEVCENKO, 2010, p. 116)

Nesse sentido, o *boom* populacional de cidades como Rio e São Paulo está interligado à desagregação do escravismo no país. Ao longo do século XIX as alforrias cresceram, formando uma ampla população de libertos. Desse modo, Aluísio de Azevedo dá uma resposta possível, por meio da literatura, para a pergunta “O que a república reservará para os libertos?” E, certamente, uma das explicações do autor envolve o drama da personagem Bertoleza. Por meio dela o escritor indica a escassez de horizontes e possibilidades para as/os egressos da escravidão/ brasileira.

O poder da figura de Bertoleza reside em uma personagem-metáfora da exploração por parte de Romão, da exploração da força de trabalho. Nessa lógica, a escravizada auxilia seu companheiro (Romão) incansavelmente na construção e manutenção do cortiço, da freguesia da venda, entretanto, o imigrante a descarta quando atinge um bom patamar de riqueza. Por mais que a escravizada tenha sido fundamental no enriquecimento do português, ele não permite que ela ‘desfrute’ daquilo que ‘conquistaram juntos’, nas palavras de Bertoleza.

Ao fim do romance, quando descobre que Romão falsificou sua carta de alforria para furtá-la, Bertoleza em protesto e resistência comete suicídio. Além do caso anteriormente mencionado, outro ponto emblemático do romance, em termos narrativos, consiste na descrição da cena posterior ao suicídio; jovens lideranças abolicionistas condecoram Romão por ‘defender’ a causa daqueles contrários à escravidão. E, encerra-se o capítulo com essa cena. A trajetória da personagem pode ser interpretada por intermédio do esvaziamento das expectativas de liberdade, ocasionada pela falsa carta de alforria. Desse modo, o suicídio de Bertoleza se caracteriza enquanto um protesto contra o sistema escravista.

O português, neste caso, era o abolicionista de última hora, ou seja, aquele que constatou o inevitável fim do regime escravista e passa a apoiar a luta pela abolição, uma vez que, ‘pegava bem’ socialmente, por estar de acordo com um determinado *status quo* do momento. Azevedo descreve a sociedade de falsos ideais morais e conduta dúbia - com tonalidade narrativa irônica e sarcástica. Uma das cenas mais impactantes do romance envolve o suicídio de Bertoleza e, simultaneamente, revela a condecoração de Romão pela luta antiescravista, vejamos:

Tomavam café, quando um empregado subiu para dizer que lá embaixo estava um senhor, acompanhado de duas praças, e que desejava falar ao dono da casa. – Vou já, respondeu este. E acrescentou para o Botelho:

– São eles! – Deve ser, confirmou o velho. E desceram logo. – Quem me procura?... exclamou João Romão com disfarce, chegando ao armazém. Um homem alto, com ar de estroina, adiantou-se e entregou-lhe uma folha de papel. João Romão, um pouco trêmulo, abriu-a defronte dos olhos e leu-a demoradamente. Um silêncio formou-se em torno dele; os caixeiros pararam em meio do serviço, intimidados por aquela cena em que entrava a polícia. – Está aqui com efeito... disse afinal o negociante. Pensei que fosse livre... – É minha escrava, afirmou o outro. Quer entregar-ma?... – Mas imediatamente. – Onde está ela? – Deve estar lá dentro. Tenha a bondade de entrar.... (AZEVEDO, 1890, p. 325-329)

De modo geral, o cortiço representa um microcosmo social da cidade em que Azevedo pretende retratar o processo histórico de “[...] consolidação das classes dominantes no Brasil’ (DALCASTAGNÉ, 2001. p. 383) e as relações destes grupos com as/os moradores do cortiço, trabalhadoras/es manuais livres em sua maioria. Conforme aponta Chalhoub, o poder público municipal mobiliza mecanismos de repressão para controlar os movimentos políticos de trabalhadores/as.

Os cortiços detinham um potencial de articulação e explosividade comunitária no centro da metrópole capitalista. A partir destas prerrogativas as lideranças políticas elitizadas e proprietárias justificam as demolições das habitações populares, tendo por base a ‘melhoria’ urbanística e o controle sanitário.

Chalhoub informa que ‘cortiço’ era o termo utilizado pelas autoridades políticas da época para estigmatizar as moradias populares, localizadas no centro do Rio, região portuária, principalmente. Desse modo, a demolição de alguns cortiços e consequente expulsão das/os moradores assinala o avanço do capital imobiliário e da especulação financeira na região.

Além disso, as habitações tornaram-se locais de fortalecimento dos movimentos sociais urbanos em ascensão no século XIX. Nessa perspectiva, o auge do cortiço carioca corresponde a intensificação das lutas de negras e negros pela liberdade e pela cidadania.

Diante de uma sociedade segregacionista e de um estado imperial que negava o estatuto de cidadania às camadas populares, o cortiço surge no espaço urbano carioca como uma possibilidade de cidade-esconderijo, uma microssociedade dentro da sociedade formal. Os cortiços eram refúgios para escravizadas em fuga, escravizados de ganho, imigrantes e migrantes pobres.

Azevedo descreve o cortiço como um local de sociabilidade das trabalhadoras e trabalhadores precarizados/as, empobrecidos. Estes trabalhadores, por sua vez, estavam inseridos em uma cultura econômica que organizava o tempo integral de trabalho, cultuava a máxima produtividade a despeito das condições, remunerando-os com o menor valor possível. Nesta passagem nota-se a presença de lavadeiras e italianos, que tiveram de ir morar em um cortiço mais em conta devido à ‘aristocratização’ da habitação coletiva de Romão:

E, como a casa comercial de João Romão, prosperava igualmente a sua avenida. Já lá se não admitia assim qualquer pé-rapado: para entrar era preciso carta de fiança e uma recomendação especial. Os preços dos cômodos subiam, e muitos dos antigos hóspedes, italianos principalmente, iam, por economia, desertando para o Cabeça de Gato e sendo substituídos por gente mais limpa. Decrescia também o número das lavadeiras, e a maior parte das casinhas eram ocupadas agora por pequenas famílias de operários, artistas e praticantes de secretaria. O cortiço aristocratizava-se. (AZEVEDO, 1890, p. 313)

A diversidade das personagens da narrativa alegoriza a multiplicidade social e cultural da formação nacional brasileira. O autor descreve ‘tipos sociais’ superficiais por meio de estigmatização e preconceções recorrentes durante as décadas finais do império. Entretanto, são justamente estas simplificações/reducionistas que nos falam sobre o imaginário de uma época, ao assinalarem as contradições, os silenciamentos e as expectativas sobre determinados assuntos.

No trecho citado anteriormente percebe-se a transformação do cortiço. No início do romance temos a primeira fase da habitação coletiva, caracterizada pela precariedade e simplicidade das casinhas. No desenrolar da narrativa, conforme Romão enriquece, o cortiço se modifica. Nos capítulos finais estamos diante da ‘Estalagem São Romão’, reformada, com novos moradores (estudantes, artistas, funcionários públicos) e novas avenidas.

Desse modo, Romão e seu empreendimento acompanham as demandas da nova vida urbana. Nessa lógica, o aumento populacional na metrópole imperial diversificou a cultura nos trópicos. Starling e Schwarcz apontam que:

[...] o intenso movimento de migração interna, resultado da lenta desmontagem do sistema escravocrata. No período que vai de 1872 a 1900, foi na Região Nordeste que houve maior perda populacional, como consequência do comércio interno de escravos que despovoou a economia do açúcar e do algodão, e reforçou a densidade dos estados cafeeiros. Castigados pelas secas de 1870 e 1880, grupos de migrantes dirigiram-se para o Rio de Janeiro, que funcionava como chamariz cultural, além de se apresentar como provedor de empregos em geral, e mais especificamente para o funcionalismo público e estatal. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 549)

Os migrantes nordestinos enfrentam - assim como libertos e escravizados/as - inúmeros desafios nas cidades do sudeste e sul do país. Os distintos hábitos culturais, sotaques e condições financeiras desfavorecidas fortalecem as barreiras sociais existentes neste período. Diante destas supostas ‘diferenças’ algumas teorias científicas ganham espaço no debate público brasileiro. Vejamos algumas delas na sequência em conexão com o discurso literário azevediano.

Para o autor implicado a imagem do progresso e a concepção de modernização estavam associadas à palavra ‘república’. O conceito de república está interligado aos demais, constrói-se uma rede conceitual. Essa rede, por sua vez, compõe o vocabulário

político do autor. Partindo da premissa do positivismo aplicado à arte e do darwinismo social, o autor interpreta o cortiço com as lentes de um suposto ‘cientista’, que realiza um experimento, testa uma teoria e aplica um método. Desse modo, temas como a adaptação ao meio, a luta pela sobrevivência e a determinação a partir do ambiente permeiam o naturalismo brasileiro.

Outra chave de leitura possível de “O Cortiço” consiste em interpelar a obra literária em seu potencial de crítica ao regime monárquico, quer seja, seu poder de fala enquanto um panfleto contra o império governado por Pedro II, por descrever as mazelas sociais geradas pelo regime e explorar as desigualdades crescentes. Nesse sentido, o cortiço inventado por Aluísio de Azevedo está repleto de doenças, de sujeira, de pobreza, de ‘devassidão moral’, de interesses, de violência, de imoralidade e desordem. Consiste, portanto, em um dos eixos da crítica dos republicanos ao império brasileiro.

Além disso, a desordem pode ser um conceito-síntese da argumentação narrativa do autor, quando visa desestabilizar a legitimidade do poder monárquico. No enredo, dois cortiços criam uma rivalidade mortal. De um lado, O Cabeça de Gato, de outro, o Cortiço de Romão. Conforme a narrativa informa, aqueles moradores que não poderiam pagar o aluguel do cortiço do português Romão, migravam para o cortiço mais próximo e mais barato, o Cabeça de Gato. Firmo, um dos amantes de Rita Baiana, assume a liderança no cortiço rival, possivelmente para desafiar Jerônimo. No trecho a seguir o narrador nos conta sobre a disputa entre cortiços rivais, representando o caos, a tensão e a ‘ferocidade’ dos moradores. E, em suma, alegorizando a desordem da capital do Império brasileiro:

Mal os carapicus sentiram a aproximação dos rivais, um grito de alarma ecoou por toda a estalagem e o rolo dissolveu-se de improviso, sem que a desordem cessasse. Cada qual correu à casa, rapidamente, em busca do ferro, do pau e de tudo que servisse para resistir e para matar. Um só impulso os impelia a todos; já não havia ali brasileiros e portugueses, havia um só partido que ia ser atacado pelo partido contrário; os que se batiam ainda há pouco emprestavam armas uns aos outros, limpando com as costas das mãos o sangue das feridas. Agostinho, encostado ao lampião do meio do cortiço, cantava em altos berros uma coisa que lhe parecia responder à música bárbara que entoavam lá fora os inimigos; a mãe dera-lhe licença, a pedido dele, para pôr um cinto de Neném, em que o pequeno enfiou a faca da cozinha. Um mulatinho franzino, que até aí não fora notado por ninguém no São Romão, postou-se defronte da entrada, de mãos limpas, à espera dos invasores; e todos tiveram confiança nele, porque o ladrão, além de tudo, estava rindo. Os cabeças de gato assomaram afinal ao portão.. (AZEVEDO, 1890, p. 258)

Nessa perspectiva, os conflitos no cortiço associam-se à representação da desordem e seu par antitético, a ordem. Desse modo, ordem-desordem também são chaves de leitura para o romance. A ordem na cidade-cartão postal do império tropical era necessária, segundo as autoridades responsáveis pela política e iniciativas econômicas. Contudo, esse ordenamento entra em choque com as demandas sociais do período, com as disputas por

moradia, trabalho e terra. Demandas estas, que envolvem a modernização, a inserção dos libertos no mercado de trabalho, os impactos da desagregação do escravismo, a imigração em massa, a migração, a informalidade do trabalho, entre outros fatores.

Nessa lógica, no romance, os desafios urbano-sociais envolvidos nesse amplo processo histórico oscilam entre a ordem e a desordem, entre a moralidade e a imoralidade, entre a salubridade e a insalubridade, entre a higiene e a sujeira, entre o trabalho e a preguiça, entre o casamento e a traição. Levando em consideração o que foi escrito anteriormente, o cortiço pode ser compreendido enquanto uma personagem coletiva do romance de folhetim, que sintetiza/alegoriza o processo de expansão do capitalismo monopolista brasileiro e todos os conflitos que emergem em decorrência deste fenômeno.

A modernização, compreendida enquanto reordenamento urbanístico das grandes cidades ao decorrer do século XIX, também acompanha o ritmo da narrativa azevediana. Neste trecho percebe-se a transformação da 1ª fase do cortiço, mais precário e simples, para a 2ª fase, ampliado e reformado:

[...] Mas o cortiço já não era o mesmo; estava muito diferente; mal dava ideia do que fora. O pátio, como João Romão havia prometido, estreitara-se com as edificações novas; agora parecia uma rua, todo calçado por igual e iluminado por três lampiões grandes, simetricamente dispostos. Fizeram-se seis latrinas, seis torneiras d'água e três banheiros. Desapareceram as pequenas hortas, os jardins de quatro a oito palmos e os imensos depósitos de garrafas vazias. À esquerda, até onde acabava o prédio do Miranda, estendia-se um novo correr de casinhas de porta e janela, e daí por diante, acompanhando todo o lado do fundo e dobrando depois para a direita até esbarrar no sobrado de João Romão, erguia-se um segundo andar, fechado em cima do primeiro por uma estreita e extensa varanda de grades de madeira, para a qual se subia por duas escadas, uma em cada extremidade. De cento e tantos, a numeração dos cômodos elevou-se a mais de quatrocentos; e tudo caiadinho e pintado de fresco; paredes brancas, portas verdes e goteiras encarnadas. Poucos lugares havia desocupados. Alguns moradores puseram plantas à porta e à janela, em meias tinas serradas ou em vasos de barro. (AZEVEDO, 1890, p. 286)

Este trecho se refere ao caso específico do cortiço, mas também dialoga com as mudanças estruturais na espacialidade urbana da metrópole. Chalhoub aponta que há uma aliança entre “[...] capital e ciência, aliança que seria essencial às transformações urbanas ‘radicais’ [...]” (CHALHOUB, 2006, p. 56). Desse modo, o discurso médico e o discurso político-imobiliário se fundem com o objetivo de ocupar as zonas centrais da cidade, lucrando com os empreendimentos imobiliários que pretendiam construir. Entretanto, os cortiços, pensões e casas de cômodos dominavam o centro do Rio, a região portuária e os principais acessos da cidade. Era preciso, portanto, ‘justificar’ a perseguição às habitações coletivas.

Nessa lógica, a união entre capital e ciência mencionada anteriormente sintetiza o processo de modernização. Ou seja, alguns setores urbanos e determinadas parcelas da sociedade acessam bens, cultura, lazer, alimentação farta, desfrutam de privilégios sociais

amplos, ganham em comodidade e segurança, enquanto outros segmentos sociais ficam à margem, com acesso à cidadania baixíssimo, assim como irrisória mobilidade social.

Fica evidente, porquanto, a hostilidade de parcela significativa dos setores da elite política e econômica diante da cultura popular, suas formas de moradia e estilo de vida. O setor científico responsável pela fiscalização dos cortiços era representado por médicos sanitaristas e higienistas, principalmente, muitos deles detinham cargos de gestão política. Os jornais também reforçavam a má fama dos cortiços cariocas, conforme aponta Servidoni. Aluísio, conhecedor dos debates nos periódicos, escreve quase como um médico higienista:

E a mísera, sem chorar, foi refugiar-se, junto com a filha, no Cabeça de Gato que, à proporção que o São Romão se engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando acanhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava, como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável, para sempre, o verdadeiro tipo da estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes; brejo de lodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão. (AZEVEDO, 1890, p. 318)

Nesse trecho o autor interpreta os conflitos entre os moradores, menciona também a falta de higiene e imoralidade do ambiente. Novamente, o conceito de desordem toma conta da narrativa. O narrador, abertamente, despreza o cortiço e o estilo de vida que ali se tinha, criticando-o fortemente em sua construção narrativa. Trata-se de uma assimetria fundamental entre a modernização enquanto higienização e a desordem da 'estalagem original', do legendário cortiço carioca. Sendo assim, o cortiço se transforma, alicerçando sua pretensa superioridade na limpeza, na ordem, na aparência de normalidade. Sobrepõe-se a seu "grande outro", o Cabeça de Gato.

Desse modo, por intermédio da oposição entre os dois cortiços, aquele que se moderniza e aquele que se torna mais precário, pode-se elaborar uma hipótese sobre o processo de modernização, sob o viés do romance real-naturalista azevediano. Nessa lógica, no começo do romance temos acesso ao *cortiço carapicus*, mais modesto, mais 'sujo' – nas palavras do narrador, o 'viveiro de larvas sensuais' (AZEVEDO, 1890, p. 318). Já no fim da narrativa temos a remodelação da estalagem, a mudança no 'perfil' dos moradores, na estrutura do bairro, há até mesmo a construção de uma avenida, a avenida São Romão.

As duas fases do cortiço podem ser interpeladas a partir desta passagem em Futuro Passado "[...] em um determinado tempo presente a dimensão temporal do passado entra em relação de reciprocidade com a dimensão temporal do futuro." (KOSELLECK, p. 15, 2006). Sendo assim, os imperativos de futuridade do autor são atravessados pela remodelação do cortiço, transformando-se em local mais 'civilizado', posto que, tem-se ordem e higiene. Concomitante a isto, verifica-se à crítica ao *passado* monárquico do país, suficientemente conhecida e bem documentada no *corpus* textual azevediano. Deste modo, aplica-se à equação futuro-passado koselleckiana ao romance brasileiro.

Nesse sentido, quais seriam os motivos para uma descrição e representação literária tão enfática, tão destrutiva em relação à estalagem? Diante de um mesmo objeto: o cortiço, há diversas possibilidades de olhar. Azevedo o vê de um modo, os moradores de outro, os donos dos estabelecimentos a seu modo, os investidores também. Nessa lógica, as disputas por poder e influência também envolviam os donos de cortiços e investidores urbanos. Os primeiros ofereciam preços mais baixos quando comparados aos prédios regulamentados pelos higienistas. Além disso, o avanço nas linhas de transporte, bondes e alargamento das avenidas, proporciona novas lógicas de trabalho e serviços. (CHALHOUB, 1996, 2006).

Nessa perspectiva, Regina Dalcastagnè sustenta a ideia de que é possível pensar no cortiço de Azevedo como uma representação específica do Brasil, como uma alegoria do contexto político-social brasileiro. Em um artigo de literatura comparada a autora menciona um aspecto importante sobre o enredo do romance:

[...] a luta pelo poder e sua manutenção. Ou seja, pode-se dizer que a 'formação das elites brasileiras' passa por dois momentos, que são esmiuçados e problematizados ao longo de *O Cortiço* e *Viva o Povo Brasileiro*: o primeiro deles é a conquista do poder por determinados grupos, que como veremos nos dois romances, se utilizaram da força bruta e do roubo. Após constituídos enquanto classes dominantes - possuidores de dinheiro e autoridade política - surge, num segundo momento, a necessidade de não só se manterem no poder, mas também de se elevarem socialmente, transformando-se em elites - possuidoras de status e legitimidade. Para isso, empregam, sobretudo, a violência simbólica. (DALCASTAGNÈ, 2001. p. 484)

A autora afirma que Azevedo relata a formação nacional brasileira através do processo de trocas culturais entre grupos. Ela aponta que “Ao longo do romance, eivado dos preconceitos da época, vão aparecendo os diferentes modos de adaptação do português ao Brasil, além da luta dos negros e, especialmente, dos mestiços pela sobrevivência. Desse convívio de tipos vai se fazendo o romance, como ia se fazendo a nação.” (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 486). Nesta passagem o autor descreve uma série de moradores que chegam ao cortiço quando de sua modernização:

Começavam a vir os estudantes pobres, com os seus chapéus desabados, o paletó fouveiro, uma pontinha de cigarro a queimar-lhes a penugem do buço, e as algibeiras muito cheias, mas só de versos e jornais; surgiam contínuos de repartições públicas, caixeiros de botequim, artistas de teatro, condutores de bondes, e vendedores de bilhetes de loteria. Do lado esquerdo, toda a parte em que havia varanda foi monopolizada pelos italianos; habitavam cinco a cinco, seis a seis no mesmo quarto, e notava-se que nesse ponto a estalagem estava já muito mais suja que nos outros. Por melhor que João Romão reclamasse, formava-se aí todos os dias uma esterqueira de cascas de melancia e laranja. Era uma comuna ruidosa e porca a dos demônios dos mascates! Quase que se não podia passar lá, tal a acumulação de tabuleiros de louça e objetos de vidro, caixas de quinquilharia, molhos e molhos de vasilhame de folha de flandres, bonecos e castelos de gesso, realejos, macacos, o diabo! E tudo isso no meio de um fedor nauseabundo de coisas podres, que empestava todo o cortiço. (AZEVEDO, 1890, p. 288)

Neste trecho o narrador, novamente, toca no tema da higiene pública como um problema social conectado ao aumento populacional vertiginoso. Ao mencionar os costumes dos grupos sociais que substituíram os antigos moradores do cortiço - aqueles que não poderiam mais arcar com o aumento no valor dos aluguéis - o autor implicado escreve com certo tom de 'superioridade' moral. Nessa perspectiva, a diversidade cultural brasileira nem sempre foi bem vista pelas elites intelectuais, políticas e econômicas. A literatura nos dá uma série de exemplos sobre esse conflito constituinte do processo social no país.

Neste contexto, a política brasileira hegemônica - branca, proprietária, letrada - foi forjada ao longo do século XIX com o objetivo de atingir modelos europeus de civilização, desconsiderando as características peculiares da identidade social do país. Indígenas, 'mulatos' e escravizadas/escravizados foram arbitrariamente e sistematicamente excluídos do processo de participação política e do acesso à cidadania na Primeira República.

No trecho subsequente em que a polícia - importante braço repressivo do Estado capitalista - invade o cortiço percebe-se como o direito à moradia pouco se aplicava aquele grupo de pessoas. A brutalidade com que entram na moradia coletiva jamais seria replicada no sobrado do nobre português Miranda:

Era impossível invadir aquele baluarte com tão poucos elementos, mas a polícia teimava, não mais por obrigação que por necessidade pessoal de desforço. Semelhante resistência os humilhava. Se tivessem espingardas fariam fogo. O único deles que conseguiu trepar à barricada rolou de lá abaixo sob uma carga de pau e teve de ser carregado para a rua pelos companheiros. O Bruno, todo sujo de sangue, estava agora armado de um refle e o Porfiro, mestre na capoeiragem, tinha na cabeça uma barretina de urbano - Fora os morcegos! - Fora! Fora! E, a cada exclamação, tome pedra! tome lenha! tome cal! tome fundo de garrafa! Os apitos estridulavam mais e mais fortes. Nessa ocasião, porém, Neném gritou, correndo na direção da barricada. - Acudam aqui! Acudam aqui! Há fogo no número 12. Está saindo fumaça! - Fogo! A este grito um pânico geral apoderou-se dos moradores do cortiço. Um incêndio lamberia aquelas cem casinhas enquanto o diabo esfrega um olho! Fez-se logo medonha confusão. Cada qual pensou em salvar o que era seu. E os policiais, aproveitando o terror dos adversários, avançaram com ímpeto, levando na frente o que encontravam e penetrando enfim no infernal reduto, a dar espadeiradas para a direita e para a esquerda, como quem destroça uma boiada. A multidão atropelava-se, desembestando num alarido. Uns fugiam à prisão; outros cuidavam em defender a casa. Mas as praças, loucas de cólera, metiam dentro as portas e iam invadindo e quebrando tudo, sequiosas de vingança. (AZEVEDO, 1890, p. 173)

Desse modo, as lutas e resistências dessas populações marginalizadas foram constantes e significativas, porquanto, elas compõem um eixo central de explicação da história brasileira. A cidadania plena não fora atingida até hoje. Além disso, o número de desempregados era alto, assim como os níveis de analfabetismo. O acesso à moradia também era precário, principalmente para libertas/os. As populações negras e mestiças desempenhavam diversas atividades laborais nas cidades, principalmente nos setores de prestação de serviços. Nessa lógica, morar perto do local de trabalho ou a conjugação entre espaço de trabalho e moradia era bastante comum.

Durante o Império a literatura voltou-se para o exercício do patriotismo, buscando formular uma identidade nacional que se diferenciava da antiga metrópole portuguesa. Desse modo, aqueles autores designados como 'românticos-indianistas' utilizaram a figura do indígena, idealizando um passado mítico para a jovem nação nos trópicos. Nessa lógica de narração idílica do passado a colonização é caracterizada enquanto um encontro harmonioso e consensual, tendo por eixo a concepção do 'bom selvagem' que anseia pelas benesses do mundo 'civilizado'. Um exemplo de escritor que realiza este processo é José de Alencar. Entretanto, a convivência harmônica entre diferentes grupos era falsa, a violência era uma arma sistematicamente utilizada pelo estado brasileiro para oprimir segmentos sociais à margem.

Na literatura romântica há a suposta convivência 'pacífica' entre os grupos sociais, representada pela assimilação das comunidades locais aos valores e costumes dos colonizadores. Um dos autores mais conhecidos do romantismo é José de Alencar, porquanto, a obra 'Iracema' representa a idealização do passado colonial, que mencionamos acima. Por outro lado, Aluísio de Azevedo e os demais escritores naturalistas rompem com vários preceitos do movimento literário anterior, entretanto, pode-se encontrar continuidades entre o romantismo e o real-naturalismo.

Aluísio Azevedo - apesar de operar por meio do reducionismo naturalista e de possuir um ímpeto mecanicista - busca descrever com algum grau de criticidade a sociedade da época, expondo seus problemas por meio da escrita literária e das charges políticas divulgadas nos jornais. Mérian afirma que o autor:

[...] leva mais longe suas considerações sobre as relações do indivíduo com o meio: André é comparado com um urso que ainda não foi ensinado; as comparações e as metáforas que relacionam o mundo humano e o mundo natural são um traço constante de sua obra, mas esta correlação, este sistema de correspondência não fica limitado ao mundo animal; o desenvolvimento de cada indivíduo é função de sua capacidade de adaptação ao meio onde vive. Tudo ocorre como para as plantas ou as árvores transplantadas. (MÉRIAN, 2013, p. 443)

Nesse sentido, ao observar e descrever a realidade brasileira Azevedo toma por lentes a ideia de que o império tropical consiste em um espelho deformado das propostas civilizatórias da Europa. Nessa lógica, o romance critica a cidade colonial do Rio, sua antiga arquitetura e costume, associando o 'atraso' ao Império brasileiro. O exemplo do atraso civilizacional é o Cortiço antes da reforma realizada por João Romão.

Para tanto, o republicanismo, a modernização e o positivismo eram os principais meios para se atingir o progresso da nação tropical. Aluísio parece trilhar o caminho destes ideais, porquanto, o processo de modernização do cortiço também representa o ato de 'civilizar-se'. Em outras palavras, o cortiço começa como um organismo atrelado à natureza da cidade, posteriormente, quando reformado, compõe um corpo social na nova ordem republicana do país.

O movimento republicano no Brasil era diverso. Alguns republicanos apostavam em uma reforma política, mas não social. Outros, desejavam amplas reformas sociais. Os abolicionistas republicanos criticavam a política imperial de dissimulação para postergar o fim da escravidão, em que leis estanques eram formuladas para diluir às críticas ao regime, lentificando o processo de abolição. Conforme apontam Schwarcz e Starling:

Os anos 1860 marcaram o recrudescimento da campanha pela abolição da escravidão. Com o fim do tráfico em 1850, a questão servil entrou na agenda do país para não mais sair. Até porque, com o término da Guerra de Secessão nos EUA, em 1865, a votação vitoriosa da 13ª emenda à Constituição norte-americana acabou com a escravidão naquela nação, e o fantasma do fim do sistema passou a assombrar, ainda mais, o imaginário das elites locais e governamentais. (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 491)

Conforme as autoras apontam o ‘fantasma’ da desagregação do escravismo já pairava sobre terras brasileiras. Desde meados do século XIX já se falava sobre romper com o trabalho escravo no país, leis como a Eusébio de Queirós (promulgada em 1850) tentavam frear a escravização. Nesse sentido, no romance de Aluísio, o representante dos ‘abolicionistas de última’ hora era Romão. Percebe-se a representação da exploração do povo brasileiro pelo estrangeiro por meio da construção da personagem do português, uma vez que:

[...] Romão é uma versão mais urbana e menos carnavalesca dessa mesma ânsia pelo poder. Ele rouba, engana e explora para isso. Sua fortuna é amealhada com o logro dos miseráveis de seu cortiço - portugueses pobres, negros e mestiços livres que tem de entregar ao dono da estalagem e da venda quase todo dinheiro que recebem no trabalho pesado da pedreira ou da lavação de roupas. (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 487).

Nessa perspectiva, a autora argumenta que Azevedo utiliza Romão como representação do português, daquele tipo de português que o autor pretende criticar. Ao afirmar que independência era uma farsa política, o escritor remete-nos a presença dos portugueses e seus descendentes no país com forte atuação nos setores comerciais nas cidades. Para Azevedo os portugueses roubavam o espaço dos brasileiros, tanto politicamente quanto economicamente.

E, esta é uma das críticas de caráter antilusitano presentes no ‘Cortiço’, expressa através da escalada social de Romão, que envolve a subordinação das outras personagens do romance. Além disso, a personagem de Miranda - o português repleto de títulos honorários, propriedades, família burguesa ‘exemplar’ e detentor de *status* social - surge como um grande rival para Romão. O vendedor inveja o Barão Miranda por perceber nele o símbolo do capital econômico somado ao capital simbólico. Desse modo, a narrativa azevediana acompanha a ascensão social e econômica do imigrante português João Romão. Simultaneamente, narra a transformação do cortiço. Não há cortiço sem Romão, tampouco há Romão sem o cortiço. A relação entre as duas personagens consiste em uma das linhas centrais do romance.

Resumidamente, a história do cortiço começa quando o português, que trabalhava como vendeiro no estabelecimento de outro, assume a liderança do local, quando da morte de seu antigo patrão. Com algum recurso financeiro em mãos e com a ajuda da escravizada Bertoleza, Romão inicia a construção de ‘casinhas’. Para tanto, eles furtam materiais de construção na vizinhança durante a madrugada e gradativamente alicerçam as primeiras partes do cortiço. Este era o Cortiço Carapicus, na primeira fase, a fase ‘orgânica’ como menciona o narrador implicado.

Conforme o tempo da narrativa passa, as pequenas casinhas aglomeradas e mal planejadas transformam-se em estalagem, habitação mais ampla e regrada. Diante da estalagem elabora-se uma larga avenida com iluminação, calçamento e melhor estrutura. No trecho subsequente temos a exposição do projeto de modernização do cortiço, que passa pela rivalidade entre dois portugueses, Miranda e Romão:

Travou-se então uma luta renhida e surda entre o português negociante de fazendas por atacado e o português negociante de secos e molhados. Aquele não se resolvia a fazer o muro do quintal, sem ter alcançado o pedaço de terreno que o separava do morro; e o outro, por seu lado, não perdia a esperança de apanhar-lhe ainda, pelo menos, duas ou três braças aos fundos da casa; parte esta que, conforme os seus cálculos, valeria oiro, uma vez realizado o grande projeto que ultimamente o trazia preocupado – a criação de uma estalagem em ponto enorme, uma estalagem monstro, sem exemplo, destinada a matar toda aquela miuçalha de cortiços que alastravam por Botafogo. Era este o seu ideal.. (AZEVEDO, p. 21, 1890)

O projeto de modernização mencionado acima possui diversas nuances, sendo um conceito muito debatido. Na obra literária a modernização se associa a outras categorias, como higienização e ‘sanitarização’. De modo geral, o conceito indica o rompimento com o passado imperial, com a antiga cidade do Rio, tendo suas bases no ideal republicano de ordem e progresso. Azevedo se insere nos debates sobre o fim da escravidão, refletindo sobre quais caminhos a jovem nação republicana seguiria, pensar a modernização também envolveria propor soluções para a questão escravista.

Diante do cenário exposto anteriormente, pode-se investigar o olhar ‘elitizado’ do narrador sob as moradias populares. Azevedo constrói uma crítica às elites nobiliárias, simultaneamente as camadas populares. A crítica às elites se faz a partir de Miranda e Romão, já à crítica aos brasileiros se faz por intermédio de Rita, Firmo e Jerônimo, frontalmente. Conforme aponta Lacapra, toda obra literária se relaciona com alguns contextos, tais contextos podem ser, inclusive, problematizados. A vida do autor, tantas vezes, pode contradizer à obra, por exemplo.

No trecho acima o narrador apresenta ao leitor a família de outro português, Miranda. O sobrado, dali em diante, estabelecerá uma forte oposição ao Cortiço de Romão, simbolicamente. Miranda criticará o estilo de vida dos moradores, seus hábitos e valores. Essa relação entre Miranda x Romão, Cortiço x Sobrado reforça uma competitividade pertencente às dinâmicas das relações sociais de gênero, no âmbito do estudo sobre as

masculinidades. Percebe-se esta tensão crescente entre as duas personagens a partir deste trecho do romance:

E durante dous anos o cortiço prosperou de dia para dia, ganhando forças, socando-se de gente. E ao lado o Miranda assustava-se, inquieto com aquela exuberância brutal de vida, aterrado defronte daquela floresta implacável que lhe crescia junto da casa, por debaixo das janelas, e cujas raízes, piores e mais grossas do que serpentes, minavam por toda parte, ameaçando rebentar o chão em torno dela, rachando o solo e abalando tudo. Posto que lá na rua do Hospício os seus negócios não corressem mal, custava-lhe a sofrer a escandalosa fortuna do vendeiro “aquele tipo! um miserável, um sujo, que não pusera nunca um paletó, e que vivia de cama e mesa com uma negra!”. À noite e aos domingos ainda mais recrudescia o seu azedume, quando ele, recolhendo-se fatigado do serviço, deixava-se ficar estendido numa preguiçosa, junto à mesa da sala de jantar, e ouvia, a contragosto, o grosseiro rumor que vinha da estalagem numa exalação forte de animais cansados. Não podia chegar à janela sem receber no rosto aquele bafo, quente e sensual, que o embebedava com o seu fartum de bestas no coito. (AZEVEDO, 1890, p. 28)

Essa rivalidade entre Miranda e Romão irá diminuir ao longo da narrativa, uma vez que, o segundo enriquece e passa a frequentar locais semelhantes ao primeiro. Quando Romão muda seus hábitos, investe seu capital, frequenta locais nobres, Miranda olha para o vendeiro português de uma forma distinta da inicial. No começo do romance temos uma personagem bastante irritada com a vizinhança do cortiço, ambos discutem, fazendo ameaças graves. Nitidamente, tem-se a representação das disputas por poder entre homens, detentores de propriedades, que buscam o acúmulo de riquezas e, conseqüentemente, o status social. Desse modo, a normatividade da masculinidade opera intensamente diante das personagens, visto que, o desejo de poder e *status* está constantemente relacionada às demais personagens.

Voltando ao tema central do Cortiço, conforme aponta Vassallo o autor dedica-se a descrever sobre as elites em ascensão e também sobre as “[...] camadas populares, centrando-se na residência coletiva, habitada por uma classe em constituição, a dos trabalhadores manuais livres em coexistência com os últimos estertores do sistema escravagista.” (VASSALLO, 2000, p. 104). O narrador distanciado descreve a habitação enquanto uma personagem coletiva que envolve profundamente as demais personagens da narrativa:

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência da neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loira e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia. A roupa lavada, que ficara de véspera nos coradoiros, umedecia o ar e punha-lhe um fartum acre de sabão ordinário. As pedras do chão, esbranquiçadas no lugar da lavagem e em alguns pontos azuladas pelo anil, mostravam uma palidez grisalha e triste, feita de acumulações de espumas secas. Entretanto, das portas surgiam

cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda a parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro quente do café aquecia, suplantando todos os outros; trocavam-se de janela para janela as primeiras palavras, os bons-dias; reatavam-se conversas interrompidas à noite; a pequenada cá fora traquinava já, e lá de dentro das casas vinham choros abafados de crianças que ainda não andam. (AZEVEDO, 1890, p. 42)

Neste trecho a construção do enredo dá vida ao cortiço, ao escrever que ‘o cortiço acordava’ percebe-se a formulação do cortiço enquanto personagem, que aparecerá em outras passagens do romance. Nesta outra passagem o mesmo efeito de linguagem do cortiço-personagem, cortiço-humanizado ocorre novamente “No dia seguinte, com efeito, ali pelas sete da manhã, quando *o cortiço fervia* já na costumada labutação, Jerônimo apresentou-se junto com a mulher, para tomarem conta da casinha alugada na véspera.” (AZEVEDO, p. 70, 1890). Mais um exemplo da personificação da habitação coletiva está presente em, “Entretanto, a chuva cessou completamente, o sol reapareceu, como para despedir-se: andorinhas esgaivotaram no ar; e o cortiço palpitou inteiro na trêfega alegria do domingo.” (AZEVEDO, p. 165, 1890)

Além disso, a descrição das atividades dos moradores confirma a caracterização do romance naturalista como romance de costumes, focalizando hábitos populares, cotidiano dos trabalhadores e divertimentos da população. No trecho a seguir se percebe a rotina de diversas personagens secundárias, perpassando atividades de trabalho, de lazer, de cultura:

Havia um alfaiate logo à entrada, homem sério, de suíças brancas, que cosia na sua máquina entre oficiais, ajudado pela mulher, uma lisboeta cor de nabo gorda, velhusca, com um princípio de bigode e cavanhaque, mas extremamente circunspecta; em seguida um relojoeiro calvo, de óculos, que parecia mumificado atrás da vidraça em que ele, sem mudar de posição, trabalhava, da manhã até à tarde; depois um pintor de tetos e tabuletas, que levou a fantasia artística ao ponto de fazer, a pincel, uma trepadeira em volta da sua porta, onde se viam pássaros de várias cores e feitios, muito comprometedores para o crédito profissional do autor; mais adiante instalara-se um cigareiro, que ocupava nada menos de três números na estalagem e tinha quatro filhas e dois filhos a fabricarem cigarros, e mais três operárias que preparavam palha de milho e picavam e desfiavam tabaco.. (AZEVEDO, p. 313-314, 1890)

Interessa-nos, porquanto, a compreensão da escrita azevediana em contato, em combate e em contraste com as relações sociais no ambiente periférico do cortiço, cotidiano urbano que o autor observou quando morou no Rio de Janeiro. Quando se escreve sobre o outro/outra testemunha também sobre si, seu lugar na sociedade, suas pré-concepções, valores e percepções do mundo social. Por este motivo, o conceito de autor implicado nos parece assertivo. Azevedo fala de um lugar social específico, o local da branquitude. Dessa forma, a argumentação de Ruth Gauer, em diálogo com Bhabha, auxilia-nos na compreensão da posição autoral, vejamos:

A vida cotidiana exibe uma 'constelação de delírio' que medeia as relações sociais normais de seus sujeitos: o preto escravizado por sua inferioridade, o branco escravizado por sua superioridade, ambos se comportam de acordo com uma orientação neurótica". A esse quadro social, o autor chama de "delírio maniqueísta". De acordo com Fanon, "o que é frequentemente chamado de alma negra é um artefato do homem branco". Bhabha afirma que esta transferência revela a incerteza psíquica da relação colonial porque suas representações fendidas "são o palco da divisão entre corpo e alma que encena o artifício da identidade", uma divisão que atravessa tanto a pele branca quanto a preta no processo de firmamento da autoridade individual e social.. (GAUER, p. 409-410, 2005)

Diante desse complexo contexto social, histórico e psíquico referenciado por Gauer, nossa hipótese de pesquisa infere que o escritor partilhou de "[...] uma forma de conceber a gestão das diferenças sociais na cidade." (CHALHOUB, 2006, p. 19). Azevedo elabora através de sua literatura uma visão específica, socialmente posicionada sobre os segmentos sociais, que está alicerçada em suas leituras literárias, jornalísticas, além da influência das charges e desenhos, vivências pregressas e expectativas de futuro.

Mimetizando a formação de monopólios capitalistas e aplicando a tática de giro ou diversificação dos investimentos Romão e seu cortiço crescem, se expandem, inflam a malha urbana da capital. Desse modo, a riqueza da personagem se instaura por meio do furto das economias pessoais da escravizada Bertoleza, do furto de materiais de construção, da privação financeira e do trabalho praticamente ininterrupto.

Em seus romances-folhetins Azevedo escreve centralmente sobre a burguesia mercantil da capital do império. Também identificamos a partir de Mérian um *corpus* literário que envolve representações dos costumes e características dos segmentos populares da sociedade. Três livros compõem este *corpus*: "Casa de Pensão, o Homem e o Cortiço" (MÉRIAN, 2013, p. 434). Em *Casa de Pensão* o eixo da narrativa está no jovem maranhense, Amâncio de Vasconcelos. O 'provinciano' – conforme escreve Alúisio - vem para o Rio de Janeiro estudar medicina, com uma série de expectativas sobre a capital. Ele acaba morando em uma pensão repleta de 'imoralidade', vivendo intensamente a vida noturna. Novamente, temos um narrador suficientemente preocupado com o binômio moralidade x imoralidade, ordem x desordem. Conforme aponta Ricardo Iannace:

[...] organizada em vinte e dois capítulos, Casa de Pensão estrutura-se a partir de um registro que acena para o tempo, recapitulando e atando os nós do passado com os do presente. Revisam-se, assim, a formação e os porquês dos desvios de caráter das personagens. Esse mudo de enunciar, em sintonia com o discurso científico da época [...] jamais compromete a literariedade da escrita de Alúisio. O estético na criação do autor de *O Mulato*, emerge de uma linguagem metafórica e irônica, ainda que obstinadamente pautada pelo real. (IANNACE, p. 08, 2022)

Azevedo narra suas histórias de um ponto de vista pretensamente 'imparcial', cumprindo a suposta missão científica da escrita literária que cataloga e descreve o universo cultural ao seu redor, construindo narradores oniscientes que mantém a distância

adequada de seus objetos. Ademais, o narrador de 'O Cortiço' possui um "[...] riso abafado, dissimulado [...] que resguarda seu espaço dentro da narrativa, mas não se furta a usar a ironia destronante." (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 491)

Conforme aponta a pesquisadora, "Os protagonistas não são indivíduos isolados com personalidade diferenciada e única, mas uma composição de traços e características que os fazem representantes de determinada circunstância e momento histórico." (DALCASTAGNÈ, 2001, p. 492). Dessarte, pretendemos pensar no cortiço enquanto um conceito-chave tanto na obra literária quanto na sociedade do Brasil oitocentista que orienta determinada percepção e representação social, política e econômica do mundo no qual o autor está inserido.

Na literatura da época há a expressão literária da desagregação do escravismo face à nova configuração do trabalho assalariado, também desprovido de garantias e direitos aos trabalhadores/as neste momento inicial. No trecho subsequente percebe-se a formulação do microcosmo econômico do português, que envolve a temática do trabalho entre os segmentos populares e da burguesia. A realidade ficcional apreende e representa a organização do trabalho a partir da habitação coletiva:

E o fato é que aquelas três casinhas, tão engenhosamente construídas, foram o ponto de partida do grande cortiço de São Romão. Hoje quatro braços de terra, amanhã seis, depois mais outras, ia o vendeiro conquistando todo o terreno que se estendia pelos fundos da sua bodega; e, à proporção que o conquistava, reproduziam-se os quartos e o número de moradores. Sempre em mangas de camisa, sem domingo nem dia santo, não perdendo nunca a ocasião de assenhorear-se do alheio, deixando de pagar todas as vezes que podia e nunca deixando de receber, enganando os fregueses, roubando nos pesos e nas medidas, comprando por dez réis de mel coado o que os escravos furtavam da casa dos seus senhores, apertando cada vez mais as próprias despesas, empilhando privações sobre privações, trabalhando e mais a amiga como uma junta de bois, João Romão veio afinal a comprar uma boa parte da bela pedreira, que ele, todos os dias, ao cair da tarde, assentado um instante à porta da venda, contemplava de longe com um resignado olhar de cobiça. Pôs lá seis homens a quebrarem pedra e outros seis a fazerem lajedos e paralelepípedos, e então principiou a ganhar em grosso, tão em grosso que, dentro de ano e meio, arrematava já todo o espaço compreendido entre as suas casinhas e a pedreira, isto é, umas oitenta braços de fundo sobre vinte de frente em plano enxuto e magnífico para construir. (AZEVEDO, 1890, p. 13)

Neste sentido, ressaltamos a descrição da conquista do espaço urbano-comercial pelo português em ascensão social. O autor implicado, por sua vez, compreende a preponderância da personagem como uma ameaça às identidades brasileiras em consolidação, uma vez que, um contexto histórico de pós-independência exigia uma separação explícita de Portugal. A malandragem de Romão é referenciada diversas vezes pelo narrador.

Romão é a representação literária de um homem de origens humildes que enriquece e precisa demonstrar simbolicamente o seu capital econômico. A personagem nos mostra

a força de uma masculinidade hegemônica, que controla os espaços de moradia (cortiço), alimentação (venda), tinas⁴ das lavadeiras e extração de materiais primários (pedreira). Neste sentido, ressaltamos as disputas entre estes homens pelo poder, em que as dinâmicas das masculinidades no romance assumem distintas formas conforme a cor da pele do sujeito, a sexualidade, a forma de se vestir/portar e a posição que ocupa na sociedade. A relação entre Romão e Bertoleza representa uma das principais problemáticas de gênero no romance, vejamos:

Eram apenas oito horas e já muita gente comia e palavreava na casa de pasto ao lado da venda. João Romão, de roupa mudada como os outros, mas sempre em mangas de camisa, aparecia de espaço em espaço, servindo os comensais; e a Bertoleza, sempre suja e tisonada, sempre sem domingo nem dia santo, lá estava ao fogão, mexendo as panelas e enchendo os pratos. (AZEVEDO, p. 79, 1890)

A representação de Bertoleza pode indicar o imaginário social de determinados grupos sociais do país, expressando concepções radicadas nas preconceções e ideias racializantes do período. Na maior parte das referências à personagem se tem um 'olhar' negativo, perguntamo-nos, porquanto, quais efeitos de linguagem o autor implicado tentaria provocar em seu público-leitor com descrições extremamente violentas. A 'queda' de Bertoleza se relaciona com a ascensão de Romão, uma personagem depende da outra na construção do enredo. A seguir uma passagem que exprime violência de gênero e o racismo presentes na sociedade brasileira até a contemporaneidade:

Bertoleza é que continuava na cepa torta, sempre a mesma crioula suja, sempre atrapalhada de serviço, sem domingo nem dia santo; essa, em nada, em nada absolutamente, participava das novas regalias do amigo; pelo contrário, à medida que ele galgava posição social, a desgraçada fazia-se mais e mais escrava e rasteira. João Romão subia e ela ficava cá embaixo, abandonada como uma cavalgada de que já não precisamos para continuar a viagem. Começou a cair em tristeza. (AZEVEDO, p. 207, 1890)

Ambas as personagens passam por situações de escassez econômica, a diferença é que Romão prospera economicamente, enquanto Bertoleza comete suicídio. O suicídio da personagem indica a falência das expectativas, o desencantamento e a desilusão. No entanto, o narrador não nos permite esquecer que a primeira fase da riqueza do português está fortemente atrelada à Bertoleza, que tanto o ajudou na organização da venda. Além disso, o enriquecimento do português decorre de uma série de fatores, dentre eles o furto, como descreve o narrador nesta cena:

João Romão não saía nunca a passeio, nem ia à missa aos domingos; tudo que rendia a sua venda e mais a quitanda seguia direitinho para a caixa econômica e daí então para o banco. Tanto assim que, um ano depois da aquisição da crioula, indo em hasta pública algumas braças de terra situadas ao fundo da taverna, arrematou-as logo e tratou, sem perda de tempo, de construir três casinhas de porta e janela. Que milagres de esperteza e de

4. Similar ao tanque de lavar roupas. As lavadeiras compunham um grupo de trabalho bastante expressivo, atendiam, principalmente os setores médios e altos da sociedade.

economia não realizou ele nessa construção! Servia de pedreiro, amassava e carregava barro, quebrava pedra; pedra, que o velhaco, fora de horas, junto com a amiga, furtavam à pedreira do fundo, da mesma forma que subtraíam o material das casas em obra que havia por ali perto. Estes furtos eram feitos com todas as cautelas e sempre coroados do melhor sucesso, graças à circunstância de que nesse tempo a polícia não se mostrava muito por aquelas alturas. João Romão observava durante o dia quais as obras em que ficava material para o dia seguinte, e à noite lá estava ele rente, mais a Bertoleza, a removerem tábuas, tijolos, telhas, sacos de cal [...] (AZEVEDO, 1890, p. 13)

Desse modo, a figura do português imigrante assume caracteres de usurpação e de falsas aparências no romance. Azevedo, a partir da personagem, consegue criticar o espaço ocupado pelos portugueses no Império brasileiro, instaurando a dúvida sobre a independência do Brasil, sobre em que mãos estaria o comando da sociedade. A leitura do romance permite algumas indagações, como: 1. Se os antigos colonizadores possuíam tanta preponderância no comércio carioca de que valera tornar-se independente? 2. Se as elites brancas e colonizadoras continuavam a explorar a mão de obra negra, de que valera separar-se de Portugal? Desse modo, Azevedo mostra-nos o caráter formal da abolição da escravidão, uma vez que, no cotidiano dos trabalhadores, a realidade pouco se transformara. Críticas a uma abolição incompleta ou inacabada já existia desde 1888. Propostas de indenização aos ex-escravos e aos antigos senhores, também.

A partir de 1889, os republicanos terão de lidar com inúmeras pressões sociais, tensões urbanas e rurais, conflitos por terra, trabalho e moradia. O protagonismo dos segmentos sociais é imprescindível e as grandes cidades intensificam as disputas entre setores. Nessa lógica, Bertoleza, a fiel ajudante do português, estava 'liberta', mas continuava realizando semelhante trabalho ao dos tempos de escravização, quer seja, labor radicado na dependência e na impossibilidade de se acessar à cidadania. Nesta passagem o narrador comenta sobre o trabalho da ex-escravizada, que favorecia o acúmulo de riqueza de Romão:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consentar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado. (AZEVEDO, 1890, p. 12)

Nessa perspectiva, Azevedo realiza literariamente uma revisão da trajetória do Império brasileiro por meio de uma releitura naturalista-cientificista dos espaços de sociabilidade-laboral na grande metrópole brasileira. A relação entre Romão e Bertoleza exposta acima assinala pontos importantes de análise: 1. A exploração do trabalho desta última, mas também o protesto em forma de suicídio quando descobre a falsidade de sua carta de alforria; 2. O rigor de Romão até enriquecer e sua busca obstinada pelo reconhecimento social, além da falsidade de seus ideais quando este recebe a condecoração pela ‘luta’ abolicionista, por mais que tenha forjado a carta falsa de alforria da Bertoleza.

Desse modo, ao retratar os costumes supostamente ‘condenáveis’, a insalubridade das moradias, a falta de higiene dos populares e a desmoralização dos indivíduos, o escritor realiza um exercício de crítica à Monarquia. Nesse sentido, o regime seria o principal responsável pelo cenário de desordem e imoralidade do cortiço. A imoralidade que mencionamos acima é representada na passagem subsequente. Neste trecho percebe-se a opinião de algumas lavadeiras sobre o comportamento de Rita Baiana – uma mulher ‘mulata’ e mencionam Firmo – também ‘mulato’, que frequenta a moradia coletiva e mantém uma relação não-formalizada com Rita:

– Aquela não endireita mais!... Cada vez fica até mais assanhada!... Parece que tem fogo no rabo! Pode haver o serviço que houver, aparecendo pagode, vai tudo pro lado! Olha o que saiu o ano passado com a festa da Penha!... – Então agora, com este mulato, o Firmo, é uma pouca-vergonha! Est’ro dia, pois você não viu? levaram aí numa bebedeira, a dançar e cantar à viola, que nem sei o que parecia! Deus te livre! – Para tudo há horas e há dias!... – Para a Rita todos os dias são dias santos! A questão é aparecer quem puxe por ela! – Ainda assim não é má criatura... Tirante o defeito da vadiagem... – Bom coração tem ela, até demais, que não guarda um vintém pro dia de amanhã. Parece que o dinheiro lhe faz comichão no corpo! – Depois é que são elas!... O João Romão já lhe não fia! – Pois olhe que a Rita lhe tem enchido bem as mãos; quando ela tem dinheiro é porque o gasta mesmo! E as lavadeiras não se calavam, sempre a esfregar, e a bater, e a torcer camisas e ceroulas, esfogueadas já pelo exercício. Ao passo que, em torno da sua tagarelice, o cortiço se embandeirava todo de roupa molhada, de onde o sol tirava cintilações de prata. (CAMINHA, 1890, p. 54)

‘Pouca vergonha’, como mencionam as lavadeiras, era o comportamento de Rita, que se relacionava com diversos homens e gastava todo dinheiro que ganhava. Esta é a perspectiva das lavadeiras diante de Rita, a posição do autor parece ser mais complexa. Nesse sentido, a passagem do romance revela algumas concepções sobre a moralidade e a imoralidade na sociedade do Brasil oitocentista. Na lógica do romance, o debate sobre o casamento ocupa um lugar de centralidade, também há diversas passagens que relatam envolvimento esporádicos, prostituição e violência de gênero. No trecho subsequente temos o foco narrativo em Jerônimo e Rita Baiana:

Foi um forrobodó valente. A Rita Baiana essa noite estava de veia para a coisa; estava inspirada! divina! Nunca dançara com tanta graça e tamanha lubricidade! Também cantou. E cada verso que vinha da sua boca de mulata

era um arrulhar choroso de pomba no cio. E o Firmo, bêbedo de volúpia, enroscava-se todo ao violão; e o violão e ele gemiam com o mesmo gosto, grunhindo, ganindo, miando, com todas as vozes de bichos sensuais, num desespero de luxúria que penetrava até ao tutano com línguas finíssimas de cobra. Jerônimo não pôde conter-se: no momento em que a baiana, ofegante de cansaço, caiu exausta, assentando-se ao lado dele, o português segredou-lhe com a voz estrangulada de paixão: – Meu bem! se você quiser estar comigo, dou uma perna ao demo! O mulato não ouviu, mas notou o cochicho e ficou, de má cara, a rondar disfarçadamente o rival. O canto e a dança continuavam todavia, sem afrouxar. Entrou a das Dores. Neném, mais uma amiga sua, que fora passar o dia com ela, rodavam de mãos nas cadeiras, rebolando em meio de uma volta de palmas cadenciadas, no acompanhamento do ritmo requiebrado da música.. (AZEVEDO, p. 165-166, 1890)

A partir desta passagem se percebe a famosa animalização realizada por alguns escritores enquadrados no naturalismo. Tanto Rita, quanto Jeronimo são representações de desejos sexuais imponderáveis, arrebatadores, influenciados pelo calor dos trópicos, pela proximidade das matas à cidade, pelos hábitos ‘imorais’ de uma parcela da sociedade, além da influência do álcool, do samba e dos jogos. Nessa perspectiva, ao longo deste capítulo revisamos pontos essenciais do romance naturalista, explorando temáticas sociais e do imaginário social do período. Azevedo ficcionaliza personagens significativas da história brasileira, tematiza a dinâmica do trabalho, a disputa por moradia, a especulação imobiliária, as reformas urbanas, além da relação entre moralidade e imoralidade, ordem e desordem, dentre outros aspectos.

PERSONGENS INDIVIDUAIS NO ROMANCE “O CORTIÇO”, RELAÇÕES, DISPUTAS E PODER

A narrativa de Azevedo apresenta diversas personagens. A interpretação das personagens permite-nos elencar perfis sociais em diálogo com a sociedade oitocentista carioca, bem como os modos pelos quais tais personagens apresentam os jogos de linguagem disponíveis no período. Nesta seção nosso foco será em descrever e analisar as personagens individuais do romance, que se diferenciam do Cortiço-personagem coletiva, debatido no capítulo anterior. Sobre a composição múltipla das personagens Trentin e Seeger afirmam:

A personagem é uma unidade complexa, na qual confluem diversas camadas de sentido; ela é, simultaneamente, um ser ficcional, um artefato, um símbolo e uma sintoma. A personagem é um ser ficcional na medida em que apresenta certas características que a definem como habitante de um mundo representado, análogo, mas inconfundível com o mundo empírico. (SEEGER; TRENTIN, p. 19, 2022)

As personagens de um romance constituem eixos essenciais para nosso estudo, uma vez que, carregam em si os conflitos, contradições e expectativas de seu tempo. Também podem se caracterizar enquanto propostas de identidade ao leitor, modelos de conduta, balizadoras da ação de quem lê ou, então, assumem papéis disruptivos e contra hegemônicos na cultura.

Na literatura brasileira contamos com excelentes exemplos, as personas de Brás Cubas e Capitu ao pensarmos no romance machadiano, o complexo Riobaldo de Guimarães Rosa, a famosa G.H da prosa de Lispector, as incríveis meninas de Lygia Fagundes Telles e por aí vai. Em termos de literatura mundial, facilmente nos lembramos de Goethe e seu inesquecível e demasiadamente enamorado Werther, em Virgínia Wolf e a complexa construção de Orlando, em Gatsby, de Fitzgerald, e seu sonho americano tomando forma, Conrad e as contradições imperiais de Kurtz. São tantos e tamanhos exemplos.

Tais personagens podem também propiciar efeitos negativos, de repulsa, condenação e desprezo diante das leitoras/es. Uma personagem emblemática como Madame Bovary, de Flaubert, dividiu corações e mentes em seu tempo e posteriormente. Bovary, um ser de ficção, levou seu criador aos tribunais franceses, acusado de imoralidade por incentivar o adultério por intermédio de seu romance.

Os acusadores de Flaubert/Bovary argumentavam que se o romance continuasse em circulação o resultado provável seria a “[...] possibilidade de contágio mimético.” (LACAPRA, 1982, p. 22, tradução própria, 2024). Era preciso censurar Bovary. Por quê? O autor concorda com Bovary? Eis a questão. Nessa lógica, as autoras constroem o raciocínio - com o qual concordamos - de que é necessário:

Compreender a relação da personagem com o mundo, mais especificamente, de compreender que vínculos as personagens guardam com determinadas realidades sócio-históricas e de que modo a ficção elabora, transforma e ressignifica essas realidades. (SEEGER; TRENTIN, p. 21, 2022)

Situar as personagens historicamente consiste em um duplo movimento, por um lado, decodificar elementos de imaginação criativa do autor/autora e por outro, mergulhar nos entrelugares do perfil social - perfil literário das personagens. Nesse movimento interpretativo pode-se identificar personagens que atingem maior, mediano ou menor grau de complexidade dentro da narrativa. As autoras mencionam *Capitu*, famosa personagem machadiana:

Capitu torna-se uma personagem complexa pela maneira ambigua, parcial e frequentemente contraditória como o narrador a figura (ora mediante seu ressentimento de marido traído, ora mediante sua forte paixão por ela). As ações de *Capitu* não podem ser previstas pelo leitor - tal como ela surpreende Bentinho com uma possível traição, acaba surpreendendo também o leitor no decorrer da história. Essa categoria de personagem tende a simular as contradições da natureza humana e suas complicadas relações afetivas e sociais. Como já se deduz desta breve análise, o tipo de narrador é fundamental para o modo de figuração da personagem. (SEEGER; TRENTIN, p. 32, 2022)

As autoras nos mostram que os narradores escolhem, selecionam e focalizam determinadas cenas, personagens e espaços. Pode-se enfatizar a personagem X, seus sentimentos e ações, deixando outras de lado. E, esse movimento arbitrário tem consequências em termos de recepção da obra. No *Cortiço* há algumas personagens mais exploradas pelo autor, sendo elas: Romão, Jerônimo e Miranda, na esfera masculina. Rita Baiana e Pombinha, na esfera feminina. Também há o cortiço e a dimensão de coletividade que ele assume no texto.

Em “*Bom Crioulo*”, outro romance naturalista bastante reconhecido, temos Aleixo e Amaro, dois marinheiros de diferentes origens que estabelecem um relacionamento bastante conturbado. Já em o “*Ateneu*” de Raul Pompéia há a relação de controle e regulação das masculinidades entre Sérgio - jovem estudante de uma escola de elite e Dr. Aristarco - diretor da instituição de ensino.

Nessa lógica, as personagens dos romances naturalistas permitem-nos acessar espaços privados de convívio, como o cortiço, o barco (*Bom Crioulo*) e a escola (*O Ateneu*), sendo possível refletirmos sobre dimensões particulares, referentes à intimidade, à subjetividade de uma época, quer seja, modos de se relacionar, de estar no mundo, de experimentar, de ter lazer, de construir relações e afetos.

As pesquisadoras afirmam que o espaço privado é “[...] povoado pelas escolhas de seus moradores, naturalmente confirma preferências pessoais, comportamentos e estilos de vida.” (SEEGER; TRENTIN, p. 39, 2022). E, elas prosseguem ao citar “[...] a casa em que um homem vive é um prolongamento deste.” (SEEGER; TRENTIN apud

WELLEK; WARREN, p. 39, 2022). Neste trecho percebe-se uma interlocução entre espaço e identidade, que pretendemos explorar em outra seção..

Cidades não são compostas apenas por aglomerados de prédios, casas e ruas, são também as pessoas que ali vivem, suas ideias sobre o mundo e seus desejos, seus trabalhos e momentos de lazer, suas oportunidades de trabalho, moradia e as relações que estabelecem entre si, os conflitos de interesse e as disputas econômicas, suas organizações políticas e insatisfações, sua literatura, música e arte, dentre tantos outros aspectos.

A malha urbana cresce exponencialmente na cidade do Rio de Janeiro ao longo do século XIX, fenômeno semelhante ocorre em São Paulo, outra metrópole sul-americana. Se pudéssemos passear pela cidade antiga encontraríamos cortiços, sobrados, praças, comércios, lojas de roupas, fábricas, repartições públicas, cafeterias, teatros, jardins, feiras, praias, botequins, entre outros. Para uma compreensão geral da sociedade carioca oitocentista destacamos a seguinte informação:

Destaco a mestiçagem e a alforria, temas-chave para entender a sociedade brasileira escravista. Basta lembrar que a alforria subverteu e reiterou a hierarquia social de Antigo Regime católico baseado na escravidão aqui estabelecido. Segundo as estimativas demográficas para as capitanias do norte, Bahia e Rio de Janeiro, entre fins do século 18 e início do seguinte, negros e pardos correspondiam de 37 a 70% da população, e os forros de 14 a 32%. Em 1799, nas freguesias centrais do Rio de Janeiro moravam 43.376 pessoas, das quais 8.812 eram forras, ou seja, 20,3% da população vinha da escravidão, o que redefine, sem eliminar, a estratificação estamental escravista moderna. (FISCHER, 2021, p. 13)

No Rio constata-se uma diversificação social significativa, com pessoas de origens diversas convivendo em espaços próximos. Na metrópole as oportunidades de atuação também aumentam, bem como a possibilidade de anonimato e impessoalidade. No trecho a seguir o autor implicado acompanha o movimento de grande aumento populacional na capital do império, principalmente a partir de 1880:

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las; aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dous passos da obrigação. O Miranda rebentava de raiva. – Um cortiço! exclamava ele, possesso. Um cortiço! Maldito seja aquele vendeiro de todos os diabos! Fazer-me um cortiço debaixo das janelas!... Estragou-me a casa, o malvado! E vomitava pragas, jurando que havia de vingar-se, e protestando aos berros contra o pó que lhe invadia em ondas as salas, e contra o infernal barulho dos pedreiros e carpinteiros que levavam a martelar de sol a sol. O que aliás não impediu que as casinhas continuassem a surgir, uma após outra, e fossem logo se enchendo, a estenderem-se unidas por ali afora, desde a venda até quase ao morro, e depois dobrassem para o lado do Miranda e avançassem sobre o quintal deste, que parecia ameaçado por aquela serpente de pedra e cal. O Miranda mandou logo levantar o muro. Nada! aquele demônio era capaz de invadir-lhe a casa até a sala de visitas!. (AZEVEDO, 1890, p. 25-26)

A diversificada capital do império chama atenção de estrangeiros e nacionais, por sua irreverência e monumentalidade, por sua gente diversa e cultura plural. O Rio de tantas faces em que se encontra um pedaço dos Brasis em cada esquina, em cada acorde de viola, em cada aroma de cozinha, pode ser rastreado no enredo do romance de Azevedo.

Ou, os arquipélagos culturais e literários que compõem o Brasil, conforme escreve Luís Augusto Fischer em 'Duas Formações: uma História'. Um Brasil multifacetado que pode ser representado, em partes, pela Corte Imperial. Representado, certamente, em um sentido alegórico e metonímico quando se fala de um romance de tese sobre o 'legado' imperial. Nesse sentido, uma abordagem comparatista enriquece o argumento:

Para contraste, pensemos no caso da literatura de língua espanhola na América, praticada em muitos países. São pedaços do antigo império espanhol, que em seu processo se transformaram em países, ao passo que pedaços do antigo império português se converteram num país apenas, que mesmo assim enfrentou uma série de tentativas de secessão, ao sul e ao norte, numa unidade mantida sob força militar, homogeneidade de sua elite administrativa e forte centralização política e econômica. (FISCHER, 2021, p. 121)

Por mais que a América portuguesa tenha se mantido 'unida', distinguindo-se da espanhola, sabe-se bem que as diferenças regionais são bastante significativas, assumindo ainda mais preponderância em um país de dimensões continentais como o Brasil. Fischer argumenta que o Rio Grande do Sul, para exemplificar, aproxima-se fortemente do universo pampeano, platino, partilhando com uruguaios e argentinos alguns costumes em comum. Haveria, portanto, um entre-lugar para o Estado - antiga província do Rio Grande de São Pedro - dividido entre a cultura que irradia dos grandes centros brasileiros e a proximidade geográfica com nossos vizinhos, fronteiriços.

Refere-se ao Rio de Janeiro (capital federal) - sustentado pela tese de Roberto Schwarcz - enquanto o contexto da *plantation* brasileira, de escravidão urbana e rural, caracterizado pela rápida modernização, bem como pelo aparato da burocracia estatal. Rio relativamente cosmopolita e com alta taxa de alfabetização, se comparado ao restante do Brasil. Universo machadiano, por excelência. Também há o universo do Sertão brasileiro ou dos sertões, por sua vez, distanciado do litoral, perpassado pela oralidade, pela canção, pelo dedo de prosa interiorano. Contexto de Guimarães Rosa, certamente.

Desse modo, tais distinções culturais-regionais permeiam o campo da história literária, conforme argumenta Fischer. Portanto, a ideia central desta dissertação é de que o país pode ser compreendido, interpretado e debatido a partir do conjunto de sua literatura. E, a história literária, por sua vez, compõe a história da sociedade brasileira. Fischer escreve: "Brasil não é uma essência atemporal, mas um processo histórico que pode ser considerado a partir do conjunto da literatura que nele se manifesta." (FISCHER, 2021, p. 24). Posto isto, avançamos.

No cotidiano do cortiço azevediano mapeamos diversas relações sociais entre as personagens. Dentre elas estão as relações familiares ou de parentesco. Nesse sentido,

percebe-se a formação de alguns núcleos afetivos-relacionais no romance. Todos os triângulos enfrentam crises e alianças em suas dinâmicas narrativas. Sintetizamos os enlaces a partir deste esquema triangular:

Romão representa o exemplo de imigrante português pobre que enriqueceu no Brasil tomando vantagem sob os brasileiros/as, segundo a lógica da narrativa azevediana. Seu objetivo principal é inserir-se na elite financeira e cultural da cidade. Bertoleza, personagem escravizada, tem um papel essencial na jornada do português em direção ao êxito econômico e social. Juntos eles constroem as primeiras casinhas do cortiço, roubando materiais de construção dos arredores. Na primeira fase do cortiço a estrutura é precária, rudimentar e os seus moradores são gente 'simples'. Ao longo da narrativa Romão reforma o ambiente coletivo, melhorando a estrutura das casas e modificando o valor dos aluguéis, conseqüentemente.

Ao longo da narrativa, Romão passa a lucrar suficientemente bem através da pedreira, do cortiço e da venda/armazém. Com isso, Azevedo fornece um exemplo da formação de um complexo econômico em torno das habitações populares. Os/as moradores utilizam boa parte dos serviços prestados pelo português em razão da proximidade, também poderiam obter trabalho por intermédio de Romão. Resumo da ópera:

Entretanto, a rua lá fora povoava-se de um modo admirável. Construía-se mal, porém muito; surgiam chalés e casinhas da noite para o dia; subiam os aluguéis; as propriedades dobravam de valor. Montara-se uma fábrica de massas italianas e outra de velas, e os trabalhadores passavam de manhã e às Ave-Marias, e a maior parte deles ia comer à casa de pasto que João Romão arranjara aos fundos da sua venda. Abriram-se novas tavernas; nenhuma, porém, conseguia ser tão afreguesada como a dele. Nunca o seu negócio fora tão bem, nunca o finório vendera tanto; vendia mais agora, muito mais, que nos anos anteriores. Teve até de admitir caixeiros. As mercadorias não lhe paravam nas prateleiras; o balcão estava cada vez mais lustroso, mais gasto. E o dinheiro a pingar, vintém por vintém, dentro da gaveta, e a escorrer da gaveta para a burra, aos cinquenta e aos cem mil-réis, e da burra para o banco, aos contos e aos contos. (AZEVEDO, 1890, p. 23)

A história de Romão explicita algo relevante dentro da consolidação do capitalismo financeiro no Brasil. Talvez, seja uma das primeiras narrativas literárias brasileiras a abordar frontalmente a trajetória do enriquecimento pessoal de um sujeito. Propõe-se, porquanto, uma inserção sobre o conceito de burguês, a partir da leitura do livro de Franco Moretti em diálogo com a proposta de Koselleck:

Every concept 'establishes a particular horizon for potential experience and conceivable theory', writes Reinhart Koselleck, and by choosing 'middle class' over 'bourgeois' the English language has certainly created a very distinctive horizon for social perception. But why? The bourgeois came into beings where 'in the middle', yes—he 'was not a peasant or serf, but he was also not a noble', as Wallerstein puts¹. (MORETTI, p. 06, 2013)

1. Cada conceito estabelece um horizonte particular para a experiência potencial e a teoria concebível, escreve Reinhart Koselleck, e ao escolher a "classe média" em vez da "burguesa", a língua inglesa criou certamente um horizonte muito distinto para a percepção social. Mas por que? O burguês surgiu onde "no meio", sim – ele "não era um camponês ou

Nesse sentido, o português se enquadra na classificação de burguês elaborada por Moretti. Além disso, ele tem seu enriquecimento pessoal narrado em detalhes através das lentes de um escritor com sentimentos antilusitanos. O antilusitanismo era frequente em um Brasil pós-independência, uma vez que, era procurava distanciar-se da antiga metrópole para constituir um senso de nacionalidade distinto. Nas grandes cidades muitos portugueses dominavam o comércio varejista - armazéns, padarias, vendas, bares - promovendo nos brasileiros uma sensação de desfavorecimento, de usurpação.

Em suas relações no âmbito do cortiço, Romão se utiliza de Bertoleza para enriquecer no comércio, pois, é ela quem realiza as atividades culinárias e de limpeza do armazém. Quando atinge seu objetivo - enriquecer - faz-se necessário descartar a escravizada, segundo a lógica interna da personagem. Porquanto, ela não poderia mais estar ao lado de um burguês, de um investidor capitalista, sendo esta a nova autoimagem de João Romão, depois de seu aburguesamento. Essa é a perspectiva oferecida pela personagem de João Romão, uma perspectiva excludente e utilitária.

Ao se livrar de Bertoleza o português se aproxima da família de Miranda, uma família rica que vive no sobrado ao lado do cortiço. O objetivo de Romão é pragmático, casar-se com Zulmira (filha de Estela e Miranda), frequentar os mesmos ambientes, ter acesso às mesmas mercadorias e possibilidades, partilhando de semelhantes hábitos e costumes daqueles que já estão inseridos na ordem burguesa da sociedade. Sobre as características centrais da personagem do português, Azevedo escreve:

Daí a alguns meses, João Romão, depois de tentar um derradeiro esforço para conseguir algumas braças do quintal do vizinho, resolveu principiar as obras da estalagem.

– Deixa estar, conversava ele na cama com a Bertoleza; deixa estar que ainda lhe hei de entrar pelos fundos da casa, se é que não lhe entre pela frente! Mais cedo ou mais tarde como-lhe, não duas braças, mas seis, oito, todo o quintal e até o próprio sobrado talvez!

E dizia isto com uma convicção de quem tudo pode e tudo espera da sua perseverança, do seu esforço inquebrantável e da fecundidade prodigiosa do seu dinheiro, dinheiro que só lhe saía das unhas para voltar multiplicado. Desde que a febre de possuir se apoderou totalmente dele, todos os seus atos, todos, fosse o mais simples, visavam um interesse pecuniário. Só tinha uma preocupação: aumentar os bens.. (AZEVEDO, 1890, p. 22)

Nosso narrador se refere a Romão com um tom, certamente, caricaturado, flertando com o desprezo. Encontrando-se ainda mais criticável por sua forma de tratar Bertoleza, certamente. Nessa lógica, Romão transforma todos ao seu redor em ferramentas para sua ascensão social até a burguesia. Simultaneamente, ocorre a desumanização da personagem de Bertoleza, pelas lentes do português. Jerônimo, outro português imigrante, no começo da narrativa é o exemplo de trabalhador ideal. Acorda cedo, dorme cedo e coordena os demais trabalhadores na pedreira de Romão. Corrige os medianos, parabeniza

servo, mas também não era um nobre”, como diz Wallerstein. (MORETTI, tradução própria, p. 06, 2013)

os bons. Entretanto, no decorrer da história o temperamento do português se modifica em decorrência do contato apaixonante com Rita Baiana.

A personagem também representa o ideal de um homem de família. Casado, pai, responsável e provedor. Azevedo escreve sobre noites em que Jerônimo tocava em seu violão as modinhas de sua terra natal, nostálgico e absorto pelas saudades de Portugal no dedilhar das cordas. Acompanhado de Piedade - sua esposa - formando um casal típico, harmonioso. Contudo, ao conhecer Rita Baiana o imigrante inicia seu processo de transformação cultural. Quando Jerônimo se apaixona por Rita, gradualmente, abandona os costumes portugueses mais tradicionais, torna-se desleixado com a esposa e inclina-se totalmente à paixão.

Candido afirma que a personagem 'abrasileirou-se' aos olhos do narrador, uma vez que, seus hábitos, pensamentos e comportamentos passam por modificações significativas. Azevedo menciona o costume de tomar café quente, consumo excessivo de álcool, da utilização da mandioca na culinária como características genuinamente brasileiras. Também se refere aos banhos diários, conversas com amigos até altas horas da noite. Todas essas mudanças ocorrem sob influência da baiana, tendo por objetivo conquistá-la, inserindo-se em sua realidade 'brasileira'.

Avançando na narrativa. Jerônimo e Piedade são dois portugueses que buscam no Brasil melhores oportunidades de trabalho. Contudo, o português se apaixona pela sedutora Rita Baiana, símbolo de sensualidade, aroma e beleza do Brasil. Diante deste encantamento Jerônimo abandona sua esposa e filha, além de perder o posto de trabalhador ideal que antes detinha.

O enamoramento de Jerônimo é bem explorado pelo autor, no trecho subsequente destaca-se a lírica da narrativa completamente atravessada pelo sentimento do português por Rita, citação longa, mas bela, para se ler em voz alta dado seu alcance poético em prosa, vejamos:

Minha vida tem desgostos,
Que só eu sei compreender...

Quando me lembro da terra
Parece que vou morrer'

E, com o exemplo da primeira, novas guitarras foram acordando. E, por fim, a monótona cantiga dos portugueses enchia de uma alma desconsolada o vasto arraial da estalagem, contrastando com a barulhenta alacridade que vinha lá de cima, do sobrado do Miranda.

'Terra minha, que te adoro,
Quando é que eu te torno a ver?
Leva-me deste desterro;
Basta já de padecer.'

Abatidos pelo fadinho harmonioso e nostálgico dos desterrados, iam todos, até mesmo os brasileiros, se concentrando e caindo em tristeza; mas, de repente, o cavaquinho do Porfiro, acompanhado pelo violão do Firmo, romperam vibrantemente com um chorado baiano.

(AZEVEDO, 1890, p. 101-102)

Continuando nossa viagem pelo universo das personagens individuais. Pombinha é a flor do cortiço, aquela que lê as cartas para os moradores analfabetos, descrita enquanto a metáfora da beleza feminina, muitíssimo admirada e querida por todos. Sua mãe pretende que ela se case com um moço correto, que forme uma família. Entretanto, ao se aproximar de Leônia, uma prostituta de origem francesa, a jovem desiste do matrimônio e inicia na prostituição.

Miranda e Estela mantêm um casamento de falsas aparências e interesses, sustentado pela conveniência e pelo compromisso assumido outrora. Estela trai o marido com Henrique, um jovem estudante de medicina que vive com a família de Miranda no sobrado. Miranda dribla razoavelmente bem a situação, uma vez que, a esposa lhe garante prestígio, segurança financeira e *status*. O que todos esses enlaces possuem em comum? Aparentemente eles demonstram a fragilidade dos laços afetivos, a transitoriedade dos encontros amorosos em contraposição ao ideal de família. Nesse contexto, os romances fornecem detalhes importantes para a reconstrução das subjetividades, que englobam as expectativas e experiências possíveis em uma determinada época, conforme menciona Koselleck em Futuro-Passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeira hipótese. Tendo Reinhart Koselleck por referência conclui-se que o conceito de cortiço azevediano formula um espaço de experiência ao apontar para o legado do passado monárquico brasileiro. Este legado, por sua vez, está atrelado à desordem da sociedade imperial. Por outro lado, com a modernização da habitação coletiva o autor implicado elabora uma expectativa de futuro, que aponta para o avanço do ordenamento republicano no país, projeto de poder ao qual Azevedo estava vinculado. Portanto, a escrita literária de Aluísio pode ser interpretada por intermédio da relação passado-futuro koselleckiana. (KOSELLECK, 2006) Segunda hipótese. O republicanismo do autor pretende estabelecer o Estado como tutor da sociedade brasileira, sendo composto por militares, bacharéis e cientistas. Além disso, por meio da estética naturalista Azevedo elabora um ‘estudo fiel’ do meio em que suas personagens vivem. Elas não escapam ao meio, ao cortiço, à pobreza material.

Nessa perspectiva, efetuou-se, ao longo desta dissertação, a conceituação de “cortiço carioca” e suas diversas facetas, dinâmicas, possibilidades interpretativas. Abordando o conceito a partir das principais disputas do período. Também se debateu sobre as principais personagens do romance, suas ações no universo narrativo e os significados possíveis destas. Outra hipótese levantada versa sobre a relação entre o lugar social e o lugar literário, tendo por eixo as conexões entre a materialidade do mundo social, a experimentação histórica do tempo, a experimentação espacial e a dimensão ficcional da narrativa real-naturalista de Azevedo.

Constatou-se um forte caráter antilusitano do romance, associado às críticas de tom higienista aos brasileiros/as. Observa-se críticas abolicionistas, socialmente radicadas, que estão conectadas ao lugar social do autor, quer seja, entre as camadas intermediárias da sociedade. Simultaneamente, há o reforço de preconceções clássicas do século XIX, há também a racialização das personagens escravizadas, além da forte animalização, em inúmeros trechos da narrativa. Por fim, João Romão e o Cortiço ascendem simultaneamente, há o aburguesamento social, econômico e urbanístico. Temos aqui uma crítica ao capitalismo e seus excessos. Por outro lado, a queda de Jerônimo representa o *abrasileiramento*, tem-se aqui uma crítica à formação nacional e seus dilemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, A. Manifestações Sociais na História Brasileira. Youtube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=w021a_uxKII

ALCOFARDO, M. Bom-Crioulo de Adolfo Caminha e a França. Revista de Letras, vol. 28, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita, 1988. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/27666509>. Acesso em 1 de novembro de 2022.

CÂNDIDO, A. De Cortiço à Cortiço. Novos Estudos CEBRAP, n° 30, 1991. CHALHOUB, S. Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. Companhia das Letras, 2006.

CHALHOUB, S. Na Íntegra - Sidney Chalhoub - História do Brasil - Abolição. UNIVESP (Youtube), 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HasU6yOmsQs>. Acesso em 1 de novembro de 2022.

CHALHOUB, S. Cidade Febril: Cortiços e Epidemias na Corte Imperial. Companhia das Letras, 2006.

CONNELL, R. Masculinities. University of California Press, 2ª ed, 2005.

FLOR, A. O Naturalismo no Brasil sob Suspeição. XIV Congresso Internacional Fluxos e Correntes, Trânsitos e Traduções Literárias, Belém/PA, 2015.

DALCASTAGNÈ, R. Da Senzala ao Cortiço - História e literatura em Aluisio Azevedo e João Ubaldo Ribeiro. Revista Brasileira de História, São Paulo, n. 42, v. 21, 2001.

DALCASTAGNÈ, R. O Prego e o Rinoceronte. Porto Alegre, Zouk, 2021.

FISCHER, Duas Formações; Uma História. Arquipélago Editorial, Porto Alegre, E-book, 2021.

GAUER, R. Da Diferença Perigosa ao Perigo da Igualdade: Reflexões em torno do paradoxo moderno. Civitas, Porto Alegre, v. 5, n. 2, 2005.

GRINBERG, K; MATTOS, H. Aula 1 - Curso Emancipações e Pós-Abolição: Por Uma Outra História do Brasil (1808-2020). Escola de História Unirio (Youtube), 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=36299obHOn4>. Acesso em 1 de novembro de 2022

LACAPRA, D. Rethinking Intellectual History: Texts, Contexts, Language. Cornell University Press, 1983.

LACAPRA, D. History, Literature and Critical Theory. Cornell University, Nova York, E-book, 2013.

LACAPRA, D. Madame Bovary on Trial. Cornell University, Londres, Ithaca, E-book, 1985.

IANNACE, R. Prefácio. In: Casa de Pensão. Martin Claret, São Paulo, 2022.

MÉRIAN, J. Aluisio Azevedo: Vida e Obra. Garamond, 2º ed, Rio de Janeiro, 2013.

MISKOLCI, R. Desejo da Nação. Fapesp; Annablume, E-book, 1ª ed, 2013.

MORETTI, F. Graphs, Maps and Trees. Verso, Londres, Nova York, E-book, 2007.

OTSUKA, E. O povo e a Polícia: Conflitos sociais em O Cortiço de Aluisio de Azevedo, e Recordações do Escrivão Isaias Caminha, de Lima Barreto. Svèt Literaturny/ O mundo da Literatura, 2017.

TAMANO, L; SANTOS, P; MAGALHÃES, G; MARTINS, A. O Cientificismo das Teorias Raciais em O Cortiço e Canaã. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.3, 2011.

SCHWARCZ, L; STARLING, H. Brasil: Uma Biografia. Companhia das Letras, São Paulo, 2º ed, E-book, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes. Cosac Naify, São Paulo, 3º ed, 2010.

VASSALLO, L. O Cortiço e a Cidade do Rio de Janeiro. Revista Ipotesi, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, 2000.

KOSELLECK, R. Futuro Passado: Contribuição à Semântica dos Tempos Históricos. Contraponto, Rio de Janeiro, 2006.

FONTES DOCUMENTAIS:

AZEVEDO, A. O Cortiço. E-book, São Paulo: Panda Books, 1ª ed, (1890), 2017.

CAMINHA, A. O Bom Crioulo. Ministério da Cultura, Domínio Público, Fundação Biblioteca Nacional, 1895.

GIOVANA MEIRELES - mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria em 2024, licenciada pela mesma instituição em 2021. Professora substituta no IFFAR – Instituto Federal Farroupilha (2023-2024).

"O CORTIÇO"

DE ALUÍSIO DE AZEVEDO:

CONTEXTOS SOCIAIS,
CONFLITOS

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

"O CORTIÇO"

DE ALUÍSIO DE AZEVEDO:

CONTEXTOS SOCIAIS,
CONFLITOS

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2024